



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

NARCISISMO E ORGANIZAÇÃO NARCÍSICA NO FILME *O
CISNE NEGRO*

ANA RITA BATISTA GREGÓRIO

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Teresa Gonçalves de Matos Santos Neves

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Teresa Gonçalves de Matos Santos Neves

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Maria Teresa Gonçalves de Matos Santos Neves,
apresentada no ISPA – Instituto Universitário para
obtenção de grau de Mestre na especialidade de
Psicologia Clínica

AGRADECIMENTOS

Ao longo da realização deste trabalho contei com o apoio de várias pessoas, às quais gostaria de expressar o meu sincero agradecimento. Todos foram responsáveis, de diferentes formas, pelo resultado final deste trabalho.

Quero agradecer, em primeiro lugar, à Prof. Doutora Maria Teresa Santos Neves pela forma como orientou o meu trabalho, o qual não teria sido possível sem o seu empenho e dedicação. Foi, sem dúvida, a grande contribuição para a concretização deste trabalho. Aliado ao seu saber e rigor, nos momentos de maior insegurança a sua disponibilidade e incentivo foram fundamentais.

Um especial agradecimento à Carla Farinha e ao Pedro Moura pelo cuidado e carinho que colocaram na revisão do texto, assim como pela prontidão manifestada.

Aos meus pais, um eterno agradecimento pelo Amor incondicional em todos os momentos, por me possibilitarem seguir as minhas escolhas e apoiarem-me nos momentos mais adversos. O orgulho que me transmitem todos os dias é devolvido a dobrar. São, sem dúvida, a minha referência a vários níveis, bem como são responsáveis, directa ou indirectamente, pelos sucessos que vou alcançando.

À minha irmã, quero agradecer o carinho, compreensão e paciência nos momentos mais difíceis.

Ao Hugo, um agradecimento especial por tudo: por todo o amor que me tem dedicado, assumindo um papel muito importante nesta caminhada e, sobretudo, na minha vida.

À Aninhas e à Sara Lemos da Costa, obrigada pelo apoio nos momentos em que estive mais ausente, assim como pelas palavras de apoio nos momentos em que mais precisei.

Quero agradecer, também, à Rita Farinha que apesar de a nossa relação ter começado apenas como uma colega de Seminário, tornou-se um grande apoio ao longo desta caminhada.

Não poderia deixar de agradecer, ainda, à Ana Figueiredo, à Tânia Lemos e à Sofia Semedo por compreenderem a minha situação ao longo deste ano e, conseqüentemente, serem tão flexíveis e prestáveis. Muito obrigada.

Por fim, quero agradecer ao meu avô, que me acompanha sempre, e dedicar este trabalho ao Joel por ter demonstrado ser um Homem de grande coragem e, sobretudo, com grandes qualidades humanas. Muito obrigada por tudo, estarás presente em mim para sempre.

RESUMO

O conceito de narcisismo tem sofrido inúmeras alterações desde a primeira vez que foi apresentado por Freud, em 1910. Tendo em conta a sua dimensão polissémica, o conceito de narcisismo é, actualmente, compreendido de diversas formas: como um estágio de desenvolvimento, como uma estrutura ou como uma característica psicopatológica.

O presente estudo tem como objectivo analisar o filme *O Cisne Negro* sob o ponto de vista da Psicanálise, incidindo em particular sobre a estrutura narcísica da protagonista. Neste sentido, procedeu-se a uma revisão sistemática da literatura e, posteriormente, analisou-se o filme através do método da Psicanálise Aplicada. Foram desenvolvidos procedimentos de análise, recorrendo-se à análise de conteúdo, de modo a construir categorias temáticas: qualidade das relações objectais, narcisismo de vida, narcisismo de morte e natureza do supereu.

Concluiu-se com o presente estudo que a qualidade da relação primária, a representação de si, a ausência de diferenciação entre self e objecto, bem como o Ideal do Eu tirânico influenciaram a dinâmica da estruturação narcísica de Nina, protagonista do filme. Constatou-se uma ausência de coesão na representação que Nina tem de si, resultante de uma subjectividade alienada no desejo do outro.

Palavras-chave: Narcisismo, Estrutura narcísica, Narcisismo de vida, Narcisismo de morte, Pulsões de destruição, Desejo do Um.

ABSTRACT

The concept of narcissism has suffered many changes since it was introduced by Freud in 1910. Taking into account its polysemic dimension, the concept of narcissism is presently understood in several ways: as a state of development, as a structure or as a psychopathological characteristic.

This study aims to analyze the movie *The Black Swan* from the point of view of psychoanalysis, focusing in particular on the narcissistic structure of the main character. In this sense, we proceeded to a systematic review of the literature and then analyzed the film through the method of Applied Psychoanalysis. Analysis procedures have been developed, using content analysis in order to create thematic categories: quality of object relationships, life narcissism, death narcissism and superego nature.

With this study it is concluded that the quality of the primary relationship, the self representation, the lack of differentiation between the self and the and object, as well as the ideal of tyrannical self influenced the dynamic of the narcissistic structure of Nina, the main character. There was a lack of cohesion in Nina's self representation resulting from an alienated subjectivity in the other's desire.

Key-words: Narcissism, Narcissistic structure, Life narcissism, Death narcissism, Instincts of destruction, Desire of the One.

ÍNDICE

1. Introdução	7
2. Revisão da Literatura	9
2.1. Origem e Evolução do Conceito de Narcisismo	9
2.1.1. O mito de Narciso	9
2.1.2. Discussão do conceito de narcisismo	10
2.1.3. Evolução do conceito de narcisismo	12
2.1.4. A contribuição de Freud	13
2.1.5. Green: narcisismo de vida e narcisismo de morte	22
3. Método	28
3.1. Delineamento	28
3.2. <i>O Cisne Negro</i>	29
3.3. Procedimento	32
3.3.1. Procedimentos de análise	34
4. Análise do Filme / Discussão	38
4.1. Qualidade das relações objectais	38
4.2. Narcisismo de vida	40
4.3. Narcisismo de morte	42
4.4. Natureza do Supereu	44
5. Conclusão	46
6. Referências Bibliográficas	49

1. Introdução

Desde a primeira vez que foi evocado por Freud, em 1910, o conceito de narcisismo tem sofrido inúmeras alterações. De acordo com Mijolla & Mijolla-Mellor (1999), o conceito só foi verdadeiramente explorado no período pós-freudiano, em paralelo com o desenvolvimento da clínica psicanalítica e com o surgimento de novas patologias que conduziram, necessariamente, a novas reflexões e questionamentos da teoria.

Assim, a noção de narcisismo foi concebida de diversas formas: como uma perversão, um instrumento ao serviço da economia do sujeito psíquico, um modo de identificação, um estágio de desenvolvimento, entre outras. Algumas destas concepções permanecem actuais, outras foram abandonadas tendo em conta as evidências empíricas bem como a evolução da própria Psicanálise.

Actualmente, o narcisismo continua a ser um conceito controverso, pois refere-se a diferentes fenómenos. Neste trabalho, proponho três eixos de análise relativamente à noção de narcisismo: enquanto um estágio de desenvolvimento ou evolutivo, enquanto uma estrutura ou, ainda, enquanto uma característica psicopatológica.

Com o objectivo de destacar o eixo estrutural do conceito de narcisismo, em torno do qual se estrutura a psique, pretendeu-se com o presente estudo compreender as várias vertentes do conceito, incidindo em particular neste aspecto do mesmo. Na parte empírica da investigação utilizou-se o filme *O Cisne Negro* como objecto de estudo, tendo em conta a riqueza deste em termos psicológicos. Assim, colocou-se as seguintes questões de investigação: como se estrutura narcisicamente a personagem Nina do filme *O Cisne Negro*? O que falha no processo transformativo do Cisne Branco para o Cisne Negro em Nina? Como se articula o desejo na personagem? Que lugar ocupa o outro?

De forma a responder a estas questões, iremos, em primeiro lugar, explorar o conceito de narcisismo, através de uma análise sistemática da literatura, tendo em conta o contexto histórico da origem do conceito de narcisismo, bem como a sua evolução atendendo às modificações da teoria psicanalítica. Assim, começou por se fazer uma revisão da literatura sobre o tema de forma a compreender as principais alterações a que o conceito foi objecto. Posteriormente, incidindo em particular sobre a contribuição de Green, foi explorado detalhadamente o conceito, atendendo à sua perspectiva.

O presente estudo encontra-se estruturado da seguinte forma: num primeiro momento, apresentar-se-á uma revisão da literatura sobre o tema estudado onde foi efectuada uma análise sistemática da noção de narcisismo. Assim, foi estudada a evolução do conceito desde a sua

origem até à actualidade, atendendo às principais contribuições dos autores que o estudaram e às transformações na sua concepção. De seguida, é apresentada e desenvolvida a perspectiva de Green (1988), tendo em conta a relação que este estabelece entre o narcisismo e as pulsões de destruição, inspirado no modelo pulsional de Freud. Num segundo momento, partiu-se para a análise do filme, isto é, a parte prática do trabalho, onde é clarificada a metodologia utilizada na presente investigação. Por último, apresentar-se-á a análise e discussão do filme *O Cisne Negro*, seguido das considerações finais do trabalho elaborado.

No que diz respeito à pertinência do presente trabalho, considera-se que este pode enriquecer a análise e compreensão de um filme recente (logo pouco estudado ainda), bem como facilitar o estudo de fenómenos presentes no mesmo que podem ser identificados no contexto da clínica. Por outro lado, possibilita a aplicação prática e integrada de vários conceitos psicanalíticos relevantes, que se constituem como referências interpretativas do filme. Por fim, este estudo permite o enriquecimento da psicanálise enquanto disciplina aplicada às artes.

2. Revisão da Literatura

2.1. Origem e Evolução do Conceito de Narcisismo

2.1.1. *O mito de Narciso*

Relacionar o narcisismo ao mito de Narciso, enquanto fundador de um pensamento, é ir ao encontro da origem mais remota do conceito. Como tal, o mito de Narciso não foi ignorado no desenvolvimento do conceito de narcisismo, uma vez que este condensa vários aspectos do seu universo simbólico, sendo um ponto de partida para explorar o conceito. O mito de narciso veio, ainda, reforçar as descrições clínicas iniciais e introduziu reflexões acerca dos vários fenómenos a que este remete.

O mito do Narciso, segundo descrito por Bullfinch (citado por Cooper, 1981), reflecte grande parte das descrições psicológicas que, posteriormente, foram associadas ao narcisismo. Assim, segundo o mito do Narciso, este último correspondia a um jovem muito bonito e objecto de desejo entre as ninfas, filho do rio Céfiso e da ninfa Liríope. Contudo, Narciso não manifestava qualquer interesse por estas, revelando algum desprezo e arrogância. Eco, uma ninfa que amava profundamente Narciso, um dia aproximou-se deste, sendo impiedosamente rejeitada. Envergonhada e triste, Eco morreu. Como tal, as restantes ninfas mostraram o seu desejo aos deuses de se vingarem. Estes concederam o seu desejo ao fazerem com que Narciso também experienciasse o sentimento de um amor sem reciprocidade. Assim, um dia ao olhar para um lago da montanha, Narciso avistou a sua própria imagem e, imediatamente, apaixonou-se perdidamente por esta, não se reconhecendo e pensando que estava a olhar para um belo espírito presente na água. Perdidamente apaixonado, incapaz de se afastar da sua própria imagem emitida pelo seu reflexo no lago e de reagir perante este, à medida que tentava abraçá-lo, desaparecia. Narciso, aos poucos, foi consumido e morreu. Quando as ninfas vieram ao encontro de Narciso para o enterrar, ele tinha desaparecido, deixando no local apenas uma flor.

Nurnberg (1979, citado por Cooper, 1981) referiu algumas características presentes na patologia narcísica que também se podem encontrar no mito, tais como a arrogância, o egocentrismo, a grandiosidade, a falta de empatia, a imagem do corpo com limites pouco diferenciado entre self e objecto, a ausência de relações de objecto constantes e um certo “vazio” psicológico.

O facto de Narciso não se reconhecer na imagem espelhada no lago levanta, ainda, várias questões no âmbito da identidade, a questão do espelho e, naturalmente, a forma como este se organiza narcisicamente. Narciso fica aprisionado na própria imagem, apesar de não se reconhecer nesta. Podemos pensar, assim, numa representação pouco consolidada de si mesmo. Esta distorção/ausência de coesão da representação de si mesmo, com limites pouco definidos, introduz a problemática do narcisismo, isto é, não há uma imagem egóica construída em Narciso (esta que só existe verdadeiramente no processo de análise, atendendo às várias instâncias que constituem o ego, isto é, o acesso ao inconsciente só é possível ao longo do processo terapêutico).

Narciso preferiu a sua própria imagem reflectida a qualquer outro objecto, recusando o amor objectal, verificando-se assim uma retirada em detrimento da contemplação da sua própria imagem.

Por fim, a busca do seu duplo, que nunca será um complemento, bem como a fusão do objecto com a sua imagem, em estado líquido, representam a vulnerabilidade identitária de Narciso.

Narciso transforma-se, ainda, na flor do rio o que condensa, de certa forma, o retorno às origens, uma vez que Céfiso (pai de Narciso) era o rio, e Liríope (mãe de Narciso) a flor.

2.1.2. Discussão do conceito de narcisismo

O conceito de narcisismo, enquanto cimento que mantém a unidade do Eu, reúne os elementos necessários à constituição de uma identidade formal responsável pelo sentimento de existência e identidade (Green, 1988).

Foram vários os autores psicodinâmicos com contribuições fundamentais que propuseram importantes contribuições sobre o papel do self na personalidade, nomeadamente na estruturação do narcisismo (Cooper, 1981). De acordo com Pulver (1970), entre as inúmeras referências na literatura ao conceito de narcisismo, há dois aspectos que todos os autores estão de acordo: primeiro, que o conceito de narcisismo é uma das mais importantes contribuições na psicanálise; e segundo, que é um dos conceitos mais controversos. Segundo o autor, as dificuldades com o conceito são evidentes desde o início quando Freud (1914) fez uma primeira abordagem ao tema. Freud (1914) manifestou algum descontentamento com a sua formulação inicial, pois considerou que o narcisismo corresponde a um trabalho difícil e que comporta as marcas de uma deformação consequente dessa dificuldade. Não é evidente ao que Freud se referia quando manifestou tal descontentamento, no entanto, segundo Pulver (1970), os autores

mais recentes apontam para uma dificuldade resultante do facto do conceito não ter sido explicitamente reformulado depois da definição dada por Freud, tendo em conta que este é bastante disperso, sendo difícil delimitá-lo. Em certa medida, as dificuldades na definição do conceito prendem-se com o facto deste ser polissémico e impossível de se circunscrever, isto é, pelo facto de se referir a diferentes fenómenos – “É curioso que a ideia de totalidade unificante à qual está ligada a denominação de narcisismo se depare com uma dificuldade em reunir um corpus nitidamente delimitado” (Green, 1988, p. 44). Como tal, o conceito de narcisismo pode ser definido enquanto uma etapa do desenvolvimento, enquanto um eixo estrutural ou, ainda, como uma característica psicopatológica.

É seguro afirmar que nem todos os conceitos psicanalíticos mantiveram o seu significado ao longo dos tempos em resultado do crescimento e transformação das teorias - “A evolução destes conceitos, no nosso entender, tornou-se possível com o alargamento, por um lado, da clínica psicanalítica com pacientes difíceis, sobretudo com patologias narcísicas e organizações de personalidades limite e, por outro, com o enorme incremento, a que se tem vindo a assistir, da psicanálise da criança e do adolescente e do seu contributo para o enriquecimento da teoria e prática analítica” (Alexandre, 2007, p. 15). Como tal, o conceito de narcisismo sofreu algumas alterações, contudo a referência ao papel do self e às suas perturbações, bem como à natureza da regulação da auto-estima têm, desde sempre, estado presentes no estudo deste tema (Cooper, 1981). Os vários significados associados ao termo do narcisismo têm na sua origem diferentes quadros de referência bem como diferentes períodos históricos. Pulver (1970) refere que, inicialmente, o termo narcisismo era entendido na literatura psicanalítica de quatro formas diferentes: clinicamente, para caracterizar uma perversão sexual em que o indivíduo tratava o seu próprio corpo como um objecto sexual; em termos de desenvolvimento, para designar uma fase do desenvolvimento caracterizado pelo estado libidinal narcísico; em termos de relação de objecto, para designar um tipo de escolha objectal em que o self é tratado de forma privilegiada em detrimento do objecto, bem como para designar um modo de relacionamento com o exterior caracterizado por uma relativa ausência de relações de objecto; e, por último, para caracterizar vários aspectos da auto-estima (Cooper, 1981).

Paralelamente, o estudo do narcisismo foi objecto de interesse crescente por parte dos investigadores devido a um conjunto de tendências actuais e históricas, nomeadamente a importância dada ao desenvolvimento precoce (pré-edipiano); o esforço crescente em substituir uma linguagem metapsicológica em detrimento de conceitos mais próximos da experiência

clínica; a influência de correntes filosóficas e culturais; a percepção por parte de psicoterapeutas e psicanalistas de uma mudança na população que se apresenta na terapia, caracterizada por uma escassez de pacientes neuróticos “clássicos” (como descritos nos primórdios da literatura psicanalítica) e o aumento do número de pacientes com perturbações caracteriais de alguma gravidade, em particular de carácter narcísico; e, por último, o trabalho de Kohut que desencadeou noutros teóricos um interesse pelo narcisismo.

Em suma, o interesse actual pelo estudo do narcisismo resulta da necessidade sentida por psicanalistas que, de forma consensual, defendem que o narcisismo está implicado no desenvolvimento de todos os seres humanos. Verifica-se, conseqüentemente, uma concepção normal e patológica do narcisismo, ou seja, o narcisismo sendo um atributo universal da personalidade, pode manifestar-se de uma forma saudável ou, por outro lado, pode corresponder a uma perturbação em circunstâncias particulares (nomeadamente perante a frustração derivada dos objectos externos, em particular o objecto materno desnarcisante).

O conceito deve, assim, ser visto segundo um eixo estrutural, e não apenas patológico, pois este comporta em si as condições necessárias para o desenvolvimento psíquico, daí a importância de uma estrutura narcísica consistente como “alicerce para o edifício que se vai construir” (Flores, p. 53). A concepção normal do narcisismo foi introduzida por Freud (1914), como referido mais à frente. Por outro lado, o narcisismo encerra em si um dos maiores obstáculos responsáveis pela resistência à análise, através da recusa do inconsciente, segundo Green (1988) a defesa do *Um*.

Não é unanimemente aceite pelos vários autores o facto de se poder atribuir ao conceito de narcisismo uma autonomia (tal implica aceitar a hipótese do narcisismo primário) ou se, por outro lado, este resulta de várias pulsões que devem ser compreendidas em estreita relação entre si (Green, 1988). Não obstante, de acordo com Green (1988), a experiência clínica permite afirmar que há estruturas narcisistas, isto é, perturbações em que o narcisismo está no cerne do conflito. No entanto, este não deve ser interpretado isoladamente, mas tendo em conta as relações objectais e a problemática das relações do *Eu* com a libido erótica e destrutiva (Green, 1988).

2.1.3. Evolução do conceito de narcisismo

O conceito de narcisismo, assim como o de auto-erotismo, surgiu em 1898 na literatura psiquiátrica, sendo introduzido por Ellis, escritor e filósofo inglês, que explorou detalhadamente

as suas origens na literatura e na mitologia (Cooper, 1981). Ellis utilizou o nome grego para descrever uma forma extrema de auto-erotismo, referindo que esta tendência encontra-se sobretudo nas mulheres (Pulver, 1970). Esta ideia é sustentada, também, por Freud (1914), pois este alega que a necessidade das mulheres, em geral, não passa por amar, mas por serem amadas, uma vez que estas se inscrevem no tipo narcisista de escolha objectal.

Não obstante, Ellis (citado por Pulver, 1970) não se refere ao narcisismo apenas como uma perversão sexual. O autor propõe uma extensão do conceito ao comportamento não necessariamente sexual, isto é, reconhece que o narcisismo não pode ser reduzido a uma perversão, pois constitui algo mais geral do comportamento humano.

Em 1899, Nücke refere-se ao conceito como um comportamento em que o indivíduo percebe e investe o próprio corpo como um objecto sexual. De acordo com Nücke, o termo narcisismo refere-se à atitude de uma pessoa que trata o seu próprio corpo da mesma forma que trata o corpo de um objecto sexual, isto é, que o contempla e acaricia até obter satisfação completa. Desenvolvido até este grau, o termo narcisismo passa a significar uma perversão que absorve a totalidade da vida sexual do indivíduo, manifestando, assim, as características descritas nas perversões. Verificamos na descrição de Nücke o comportamento apresentado por Narciso. Este sobreinvestimento em si por um lado e, em contrapartida, o desinvestimento no mundo externo, é uma constante no mito de Narciso. Podemos estabelecer, assim, uma relação entre o mito de Narciso e as primeiras descrições referidas na literatura, em particular a de Nücke (Freud, 1914).

2.1.4. *A contribuição de Freud*

Na literatura psicanalítica o conceito de narcisismo surgiu posteriormente, em 1908, num artigo escrito por Sadger, em que este se refere a um tipo de perturbação presente na homossexualidade (Flores, 2005). Este artigo foi referido por Stekel num encontro da Sociedade Psicanalítica de Viena em Maio de 1908 (Pulver, 1970).

Posteriormente, em 1910, o termo narcisismo foi enunciado por Freud e Sadger, para explicar a escolha de objecto (narcísica) nos homossexuais, altura em que os autores fizeram pela primeira vez a extensão do conceito como uma perversão sexual para um estágio de desenvolvimento normal (Pulver, 1970). No entanto, em 1905 na obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905) já tinha abordado, pela primeira vez, o conceito de narcisismo numa nota de rodapé, para explicar a escolha de objecto dos homossexuais, e em *Leonardo da Vinci – Uma Lembrança de Infância*.

No *Caso Schreber* e em *Totem e Tabu*, Freud propõe a existência de uma fase de desenvolvimento sexual intermédia entre o auto-erotismo e o amor objectal, referindo-se ao Eu como objecto libidinal (Laplanche & Pontalis, 1971). Aqui o narcisismo assume-se como uma fase do desenvolvimento e é associado a mecanismos psicológicos subjacentes à homossexualidade.

Só em 1914 se verificou uma concretização metapsicológica do conceito de narcisismo, apesar de Freud já utilizar implicitamente a noção antes de a introduzir no campo teórico. Consequentemente, em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), Freud introduz o conceito como algo de estrutural no ser humano, explicitando as suas ideias sobre o narcisismo e a teoria da libido. Freud (1914) descreveu o narcisismo como o investimento libidinal do self, apontando as qualidades mágicas onipotentes do pensamento e sentimento primitivo ou infantil como uma componente deste. Assim, de um ponto de vista económico, Freud introduz o conceito, segundo o princípio de conservação da energia libidinal, argumentando que quanto mais o Ego é desinvestido, mais o objecto está vulnerável a receber um investimento (Mijolla e Mijolla-Mellor, 1999).

Segundo o autor, o narcisismo corresponderia a uma forma menos extrema de auto-erotismo, tendo em conta que a relação com o objecto é mais patente do que no auto-erotismo. Freud em 1914, em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, enunciou os fundamentos do conceito, redefinindo as suas anteriores descrições. Descreve o narcisismo de acordo com uma perspectiva desenvolvimentista, passando o conceito a ser utilizado para descrever um estágio do desenvolvimento e para explicar determinadas atitudes, nomeadamente a vaidade e a auto-admiração.

Freud (1914) distingue o conceito de libido do ego de libido objectal. Na tentativa de incluir os pacientes esquizofrénicos na hipótese da teoria da libido, o autor sentiu necessidade de discutir o narcisismo primário normal. Neste sentido, questionou a função da libido nos pacientes esquizofrénicos, que era afastada dos objectos externos e dirigida para o ego, e concluiu que esta atitude podia ser designada de narcisismo secundário. Alguns autores psicanalíticos foram surpreendidos pelo facto de encontrarem algumas características narcísicas noutros indivíduos que sofriam de outras perturbações, nomeadamente nos homossexuais (Freud, 1914). Neste sentido, colocou-se a hipótese do narcisismo (primário) poder corresponder a uma fase normal do desenvolvimento sexual humano, sendo o self, o objecto libidinal nesta fase, que ocorre entre o primeiro auto-erotismo e o amor objectal. Assim, Freud (1914) postulou a existência de uma fase inicial de desenvolvimento narcisista (narcisismo primário), transversal a todos os indivíduos

e responsável por um sentimento de completude (sentimento oceânico). Este sentimento proporcionado pelo narcisismo primário é, posteriormente, substituído por um Ideal do Eu, em resultado dos processos identificatórios e internalização das exigências dos pais, da sociedade e do próprio indivíduo.

O investimento libidinal do Eu remete para a acção positiva e unificante do narcisismo a partir do auto-erotismo, sendo este responsável pela passagem do auto-erotismo ao estágio onde o Eu é vivido e apreendido na sua totalidade. Segundo Green (1988), este processo justifica-se pela acção de Eros: a organização das pulsões parciais do Eu em investimento unitário do Eu. Não obstante, o Eu é inicialmente vivido apenas como um Eu corporal, sendo a imagem de si próprio resultante do sentimento corporal e das projecções das fantasias da figura primária (Green, 1988). Posto isto, surge o conceito de identificação, cuja primeira forma é a narcisista. Por outro lado, a identificação secundária é accionada para salvaguardar a integridade narcisista ameaçada pela angústia de castração, em que ocorre uma dessexualização responsável pela transferência da libido objectal em libido narcisista (Green, 1988).

Assim, contrariamente ao que se afirmava, o narcisismo não tem necessariamente que ser entendido como uma perversão, passando a ser encarado, nos neuróticos, como um complemento libidinal do egoísmo, da pulsão de autopreservação que, em certa medida, pode ser atribuído a todos os indivíduos (Freud, 1914). Neste sentido, surge a concepção de um narcisismo primário, em que ocorre um investimento libidinal original do ego (Cooper, 1981). Como tal, Freud (1914) propôs a extensão da teoria da libido, defendendo que, inicialmente, as pulsões libidinais são dirigidas para o ego (libido do ego) e, posteriormente, são dirigidas para outros objectos (libido objectal), ou seja, o desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário, contudo pode ocorrer uma tentativa de recuperação desse estado. Neste último caso, enquanto perversão, o narcisismo (secundário) é visto como um investimento do self nele próprio, na sequência de frustrações cumulativas das relações de objecto, ocorrendo uma retirada da libido de volta para o ego. Assim, no narcisismo secundário há um investimento predominante na libido do ego e, conseqüentemente, a libido é afastada do mundo externo, dando origem a uma atitude designada de narcisismo. Neste sentido, podemos observar na perturbação narcísica um retorno da libido ao Ego e, como tal, verifica-se uma incapacidade de dirigir a libido a outros objectos. Tal facto pode indiciar uma incapacidade de amar, em consequência da frustração experienciada numa fase bastante precoce, manifestando um egoísmo forte que pode constituir uma protecção contra o adoecer, no entanto, em último recurso,

devemos amar para não adoecermos e, como tal, estamos destinados a adoecer se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar (Freud, 1914).

De acordo com Freud (1914), depois de abandonar o narcisismo primário o indivíduo procurará recuperar esse estado através de um Ideal do eu, isto é, ao abandonar o narcisismo primário, o narcisismo do indivíduo surge deslocado em direcção a um Ideal do eu, projectado no futuro, o qual é considerado perfeito, tal como o ego infantil. Assim, incapaz de renunciar à perfeição narcísica, o indivíduo tenta recuperar esse estado através do Ideal do eu, este que resulta da educação de terceiros e do desencadear do seu próprio julgamento crítico – “O que ele projecta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (Freud, 1914, p. 101). Por outro lado, segundo o autor, o que induz a formação de um ideal do Eu é, inicialmente, a influência crítica dos seus pais e, posteriormente, outros agentes que participam na educação do indivíduo, nomeadamente os professores e a própria sociedade.

Em suma, o desenvolvimento do ego implica um afastamento do narcisismo primário, provocado pelo deslocamento da libido em direcção a um ideal do Eu imposto pelo exterior.

Laplanche e Pontalis (1971) referem que, na literatura psicanalítica, o conceito de narcisismo primário cria dificuldades na sua delimitação, tendo em conta as variações encontradas na concepção do conceito de um autor para outro e, até mesmo, no mesmo autor, tal como se verifica em Freud. Segundo os autores, o narcisismo primário corresponde ao primeiro narcisismo, quando a criança se toma a si mesma como um objecto de amor, antes de escolher objectos externos. Contudo, verifica-se variações em Freud quanto ao momento da constituição desse estado. Inicialmente, o autor postulou a existência do narcisismo primário entre o autoerotismo primitivo e o amor objectal (em que surge uma primeira unificação das pulsões do indivíduo, de um ego). No entanto, mais tarde, com a elaboração da segunda tópica, Freud refere-se ao narcisismo primário como um primeiro estado de vida, anterior à constituição do ego. Assim, não é possível apresentar uma definição unívoca do conceito, no entanto a última definição dada por Freud é a que permanece actualmente no pensamento psicanalítico (Laplanche & Pontalis, 1971).

Não obstante, esta incoerência de Freud na descrição do conceito de narcisismo primário introduz algumas tensões, uma vez que está implícito, em qualquer uma das definições de Freud, um estado anobjectal ou, pelo menos, indiferenciado. No entanto, o termo de narcisismo primário implica, por si só, intersubjectividade na medida em que o processo identificatório está implicado. Logo, parece desadequado caracterizá-lo como um estado anobjectal, na medida em

que o bebê é, por natureza, um ser eminentemente objectal, de acordo com Matos (1997), um ser apelativo que desenvolve nos seus cuidadores um amor primário/captativo. Neste sentido, na relação primária o bebê procura, ainda que numa posição passiva, afecto, para “se carregar narcisicamente, com a finalidade de ser amado” (Matos, 1997, p. 20). Esta posição narcísica é, posteriormente, substituída por uma posição objectal, em que predomina o amor oblato (Matos, 1997). Podemos pensar no amor primário como fundamental para a construção de uma estrutura narcísica coesa e estável, correspondendo a uma condição essencial para o alcance do amor oblato, por outras palavras, para a escolha anaclítica do objecto (como referido mais à frente).

Com o aparecimento da segunda teoria do aparelho psíquico, Freud confronta o narcisismo primitivo, anobjectal (narcisismo primário), com o narcisismo contemporâneo resultante da formação do Eu por identificação com o objecto (narcisismo secundário). Contudo, vários autores recusaram a ideia de narcisismo primário, alegando que mesmo durante a fase mais precoce, o bebê estabelece relações de objecto primitivas (Flores, 2005), isto é, segundo os mesmos não se pode falar numa fase anobjectal pois as relações objectais estão presentes desde a origem do indivíduo. Ballint (1934, citado por Flores, 2005), inclusive, considera que o narcisismo primário descrito por Freud corresponde a uma manifestação do narcisismo secundário, pois o bebê nasce, invariavelmente, com uma apetência primária para se relacionar com o ambiente, estabelecendo um estado de fusão harmónica com o meio que o rodeia, designado por “amor primário”. Como tal, todo o narcisismo é secundário a este amor primário e proveniente da relação entre o bebê e o meio (Flores, 2005). Rosenfeld (1964) também refutou a ideia de narcisismo primário, pois considera que a noção de narcisismo primário deveria ser interpretada como uma relação de objecto primitiva, negando a existência de uma fase inicial anobjectal.

Como tal, podemos colocar a hipótese da existência de uma fase em que ocorre um investimento mais acentuado em si mesmo, o que não exclui a existência, em simultâneo, de outros investimentos objectais. Assim, coloca-se a questão: será possível falar de narcisismo primário?

Freud desenvolve, ainda, o conceito de narcisismo primário absoluto. Segundo o autor este refere-se a um estado semelhante ao sono, o que implica um estado de total inexcitabilidade, sendo a abolição das tensões o objectivo principal (Green, 1988). A aspiração a um estado de inexcitabilidade dos sistemas não investidos é frequente no pensamento de Freud. Este foi, inicialmente, influenciado pela psicologia e pela biologia, referindo-se à tendência do organismo que assegurava, assim, o domínio sobre os estímulos. Como tal, o prazer era associado, na altura,

à cessação da tensão sexual pela satisfação provocada pelo relaxamento, ou seja, estabeleceu-se uma relação entre a manutenção da excitação constante e o prazer. Em suma, o princípio do prazer implicava a redução ou a extinção da tensão resultante das necessidades pulsionais – estado de Nirvana. O Princípio de Nirvana tem, conseqüentemente, como finalidade a supressão das excitações, sendo o Princípio do Prazer uma consequência deste. Como tal, tornou-se imperativa a distinção entre ambos os princípios.

Assim, por um lado, o Princípio de Nirvana traduz a tendência da pulsão de morte; enquanto que o Princípio do Prazer representa a exigência da libido, visando afastar as excitações do aparelho psíquico, mantendo constante ou reduzindo quanto possível o nível destas. Como tal, a redução das tensões pertence ao Princípio de Nirvana, e não mais ao Princípio do Prazer. Segundo Green (1988), todos os estados que tenham implícito características afectivas, o prazer ou as suas formas derivadas não pertencem ao narcisismo primário absoluto. Paralelamente, o princípio de inércia, explorado por Freud, corresponde a uma tendência original do sistema neuronal à inércia, isto é, à redução das tensões ao nível zero (Green, 1988). Esta tendência original, segundo o autor, corresponde à função primária, como atributo do sistema neuronal primário, e visa, essencialmente, manter o sistema em estado de não-excitação através da fuga pelo incómodo dos estímulos (Green, 1988). Por outro lado, o princípio de constância, descrito por Fechner, refere-se à manutenção da excitação a um nível constante (Green, 1988).

Quanto ao termo narcisismo primário absoluto, considero que este pode introduzir algumas confusões. Facilmente associamos este conceito ao narcisismo primário enquanto fase do desenvolvimento. Como tal, e na sequência das contribuições de Green (1988), considero mais adequado a utilização do termo de narcisismo negativo para descrever este estado de inexcitabilidade a que Freud se refere.

Em *Para Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920) refere que a tendência da vida psíquica consiste num esforço constante em reduzir, manter constante ou suprimir a tensão interna provocada pelos estímulos – Princípio de Nirvana -, sendo que o reconhecimento deste facto nos leva a crer na existência das pulsões de morte.

Freud (1914) procura, ainda, com a noção de narcisismo explicar a escolha de objecto amoroso que pode ser do tipo anaclítico ou narcisista. Segundo Freud (1914), uma forma de abordar o estudo do narcisismo é através da observação da vida sexual dos humanos, sendo o termo narcisismo também usado por este autor para descrever uma forma de escolha de objecto homossexual em que o indivíduo toma a si mesmo como o seu objecto sexual. Freud (1914) verificou que a escolha objectal nas crianças resulta dos seus objectos sexuais e das suas

experiências de satisfação. Assim, existem dois tipos de escolha objectal: o tipo anaclítico ou de ligação e o tipo narcisista. Enquanto que no tipo anaclítico ou de ligação as primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experienciadas em relação com as funções vitais que têm como finalidade a autopreservação, isto é, os instintos sexuais são, inicialmente, ligados à satisfação do ego e, assim, os primeiros objectos sexuais do indivíduo são as pessoas que se preocupam com a sua alimentação, com os seus cuidados e com a sua protecção (ou seja, a sua mãe ou a figura substituta desta); no tipo narcisista os indivíduos sofreram alguma perturbação no desenvolvimento libidinal e, conseqüentemente, na origem da escolha dos seus objectos amorosos adoptaram como modelo os seus próprios “eus” (e não a sua mãe como no tipo anaclítico ou de ligação), procurando em si mesmos um objecto amoroso. Em suma, a percepção de que determinados indivíduos, nomeadamente os homossexuais, escolhem o seu objecto de amor a partir do modelo da sua própria pessoa, obrigou Freud (1914) a assumir e desenvolver o conceito de narcisismo. Neste sentido, a escolha narcísica do objecto, imperativa nestes indivíduos, coloca-se no polo oposto da escolha anaclítica de objecto, uma vez que não obedece à reprodução de uma relação de objecto preexistente, mas à construção de uma relação de objecto segundo o modelo da relação do indivíduo consigo próprio, ou seja, em que o objecto representa a própria pessoa (Laplanche e Pontalis, 1971). Ocorre, assim, uma projecção sobre o objecto de uma imagem de si mesmo (como se foi, como se gostaria de ser ou como foram as figuras parentais idealizadas) na escolha narcísica (tal como verificamos no mito de Narciso).

Assim, podemos afirmar que um indivíduo tem ao seu dispor dois tipos de objectos sexuais: ele próprio ou a mulher que cuida dele. Freud (1914) sustenta a hipótese de que ambos os tipos de escolha objectal estão disponíveis a cada indivíduo. Ao fazê-lo, Freud (1914) postulou a existência de um narcisismo primário em todos os indivíduos, o qual, em alguns casos, pode determinar a sua escolha objectal. Como tal, uma pessoa pode amar, por um lado, em conformidade com o tipo narcisista (amando o que ele próprio é, o que ele próprio foi, o que ele próprio gostaria de ser ou alguém que foi parte dele mesmo) ou, por outro lado, em conformidade com o tipo anaclítico ou de ligação (amando a mulher que o alimenta e o homem que o protege, bem como a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar). Segundo o autor, é de acordo com a escolha de objecto segundo o tipo anaclítico que ocorre a valorização sexual. Esta que resulta do narcisismo primário da criança, traduzindo-se, posteriormente, numa transferência do narcisismo originário para um objecto sexual (Laplanche e Pontalis, 1971).

Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud caracteriza a natureza da relação de objecto do melancólico (relação de objecto narcísica), referindo, conseqüentemente, uma definição clínica do

conceito de narcisismo. Neste tipo de relação de objecto, a perda do objecto é sentida como uma perda do Eu, ou seja, uma perda narcísica. Assim, face a uma perda, o Eu desinveste do objecto perdido (retirada da libido) mas não investe noutra objecto, como seria suposto. O Eu retrai-se e identifica-se com o objecto perdido, isto é, a perda do objecto é vivida como uma perda do Eu. Em suma, Freud considera a melancolia resultante de uma identificação narcísica com o objecto.

Posteriormente, em *Ego e o Id* (1923), Freud formulou a Segunda Teoria das Pulsões, a de Eros e Tânatos. Contudo, Grunberger (1971) nega a relação entre narcisismo e pulsão de morte, afastando-se da teoria pulsional. O autor considera que o Homem quer voltar ao estado pré-natal e não ao estado inanimado, daí recusar o conceito de pulsão de morte (Grunberger, 1971). O inconsciente não tem uma percepção de morte, no entanto este estrutura-se a partir da separação que o autor considera ser responsável pela organização do campo psíquico e, simultaneamente, corresponde a uma experiência primária de morte. Grunberger (1971) define o narcisismo como uma instância psíquica autónoma, responsável pelo desenvolvimento da mente, na fase pré natal e pré-objectal, correspondendo a um estado de bem-estar pois há um reviver da harmonia do período fetal, “um estado emocional de elação e onipotência” (Flores, 2005, p. 49).

De acordo com Green (1988), o narcisismo não foi imperativo no pensamento de Freud, ao contrário da sexualidade que se assumiu como uma constante no pensamento deste. Só passado quase vinte anos de reflexão e experiência é que Freud (1914) publicou o primeiro artigo dedicado exclusivamente ao narcisismo. Surge, entre as pulsões de auto-conservação e as pulsões de morte, o conceito de narcisismo que resulta da libidinização das pulsões do Eu destinadas até então à auto-conservação (Green, 1988).

Uma das razões para o esquecimento do narcisismo, tanto para Freud como para os seus discípulos, prende-se com o desenvolvimento da segunda tónica que implicava uma reavaliação do Eu. A segunda tónica foi, segundo Green (1988), melhor aceite do que as pulsões de morte, talvez porque “Freud parecia querer minar o moral das suas tropas, já que o inimigo que arruinava as suas esperanças terapêuticas revelava-se praticamente invencível” (Green, p. 14). No entanto, não se verificou da parte de Freud um novo olhar sobre o narcisismo, visto à luz da segunda tónica e da última teoria das pulsões. Não se verificou esta integração e o narcisismo foi perdendo cada vez mais terreno em detrimento das pulsões de destruição, como se reflecte nas revisões das suas concepções nosográficas que limitam o narcisismo à melancolia ou à psicose maníaco-depressiva. Existe, portanto, uma necessidade de articulação entre o narcisismo e as pulsões de morte (narcisismo negativo) que Freud não fez (Green, 1988). Green tem, assim,

como objecto de estudo pensar na relação entre o narcisismo e a pulsão de morte, este último que propõe chamar de narcisismo negativo.

Inicialmente, Freud (1914) apontou o narcisismo como sendo responsável pela inacessibilidade de certos pacientes à psicanálise: a libido ao desviar-se dos objectos em direcção ao Eu impedia a transferência. Em paralelo com o narcisismo, Freud alegou que a perturbação fundamental da psicose resultava desta retirada da libido, pois o indivíduo “encontrava mais satisfação onde encontrara asilo do que na aventura da libido de objecto, fonte de outras satisfações mas também de muitas decepções, ameaças, incertezas” (Green, p.12). Assim, o artigo Sobre o narcisismo: uma introdução (1914), foi considerado pertinente para os analistas. No entanto, em 1920, no artigo *Para além do princípio do prazer*, Freud (1920) afirmou que esta pertinência era ilusória, pois levava a uma concepção redutora da libido. Como tal, Freud propôs a última teoria das pulsões que opunha as pulsões de vida às pulsões de morte. A sexualidade passa, então, a ser interpretada de outra forma: não serão as pulsões sexuais, mas sim as pulsões de vida que se opõem às pulsões de morte. Assim, frente às pulsões de morte “o único adversário à altura” é Eros, figura metafórica das pulsões de vida. Consequentemente, o conceito de pulsões de vida passa a denominar todos os elementos constitutivos das teorias anteriores das pulsões, nomeadamente as pulsões de auto-conservação, as pulsões sexuais, a libido objectal e, por último, o narcisismo. Em última análise, a função de todos estes elementos prende-se com a defesa e realização da vida por Eros contra os efeitos devastadores das pulsões de morte.

Na Europa, posteriormente a Freud, o narcisismo não é enunciado explicitamente por Klein, é mesmo ignorado pela autora, uma vez que esta se dedicou inteiramente à última teoria das pulsões de Freud (Green, 1988). Somente Rosenfeld, entre os autores kleinianos, fez um esforço de integração do narcisismo às concepções kleinianas. Segundo o autor, as perturbações narcísicas surgem quando ocorre uma falha na clivagem primitiva entre bom e mau objecto na posição esquizoparanóide, que são exacerbadas na eventualidade de ocorrer uma falha de continente ou de *holding*. Rosenfeld (1964) estudou, ainda, as implicações do Supereu na estrutura narcísica. De acordo com o autor, o Supereu destes indivíduos é caracterizado como destrutivo e invejoso, formulando, em 1971, o conceito de narcisismo destrutivo. O narcisismo destrutivo tinha, então, a função de garantir ao Eu um estado de não excitação. Contudo, Rosenfeld (1964) distinguiu os estados narcísicos em que predomina a destrutividade, dos estados narcísicos em que os aspectos libidinais estão mais patentes.

De acordo com Green (1988), Segal, Meltzer, Bion e mesmo Winnicott não exploraram o conceito. Contudo, implicitamente podemos verificar algumas referências feitas ao conceito pelos

autores. Winnicott (1965) destaca a importância do falso self nos indivíduos com perturbações narcisistas, defendendo que no trabalho psicanalítico as análises devem incidir sobre este. Assim, o autor descreve o falso self, formado à imagem do desejo da mãe, como consequência do fracasso da mãe, incapaz de ser suficientemente boa para satisfazer as fantasias onipotentes do bebé durante o primeiro estágio de desenvolvimento emocional. Segundo Winnicott (1965), o verdadeiro self começa a emergir através da força dada ao fraco ego do latente pela promoção da mãe de fantasias onipotentes do bebé. Uma mãe que não é suficientemente boa, não tem a capacidade de desenvolver as fantasias onipotentes no bebé nem de sentir as necessidades deste. É a partir desta incapacidade que o bebé desenvolve o falso self. De acordo com a teoria do autor existem vários níveis do falso self, construídos na tentativa de manter intactos alguns aspectos escondidos do verdadeiro self. Nos níveis mais severos do falso self, este defende o indivíduo contra a sensação de total aniquilação por meio da perda do verdadeiro self. Em suma, o trabalho de Winnicott (1965) apresenta-se relevante ao nível do estudo do narcisismo visto enfatizar a importância da falha inicial do *holding* e, consequentemente, da necessidade, manifestada posteriormente em análise, de uma regressão do self. O autor refere como consequências do falso self o empobrecimento da capacidade criativa, do brincar e de amar, alegando que estas capacidades só podem ser desenvolvidas através do restabelecimento do domínio do verdadeiro self.

2.1.5. *Green: narcisismo de vida e narcisismo de morte*

Green (1988) reformulou o conceito de narcisismo ao propor repensar as questões implicadas neste termo a partir da última teoria das pulsões de Freud. Assim, uma das suas principais contribuições foi a relação que o autor estabelece entre o narcisismo e a teoria das pulsões, uma vez que verificou uma lacuna neste campo. Ao longo da sua obra, verifica-se uma crítica a Freud por este não ter dado o relevo necessário ao conceito de narcisismo, incluindo-o apenas como uma componente das pulsões de vida. Como tal, Green (1988) explora a relação entre o narcisismo e as pulsões de morte/destruição.

O conceito de narcisismo, como vimos anteriormente, é bastante complexo e pode manifestar-se clinicamente de diferentes formas. No sentido mais amplamente utilizado, o narcisismo corresponde à forma como o indivíduo se relaciona consigo próprio e com os outros, em que este se centra sobre si próprio e faz de si o ponto de referência em torno do qual organiza toda a sua experiência emocional de vida (Alexandre, 2007). Não obstante, existem diversas formas de narcisismo, com níveis de dificuldade distintos que podem variar entre o narcisismo

“normal” ou estrutural, o narcisismo negativo ou destrutivo (Alexandre, 2007) ao narcisismo libidinal (Britton, 1998, citado por Alexandre, 2007).

Relativamente ao narcisismo de vida ou positivo, este assume-se como um sentimento sustentado pelas pulsões de vida, dando origem a um self coeso, na sua identidade e sentimento de si, com características individuais e idiossincráticas de um indivíduo separado do objecto (Alexandre, 2007). Esta forma saudável do narcisismo reflecte as características dos objectos narcisantes que são o sustento do desenvolvimento do indivíduo, que promovem o seu crescimento e as potencialidades do self, estando na sua génese a criatividade, as aspirações e os ideais. No processo terapêutico, segundo Alexandre (2007), estas características podem representar o desejo do indivíduo realizar mudanças psíquicas.

O narcisismo libidinal, descrito por Britton (1998, citado por Alexandre, 2007) refere-se à retirada da libido dos objectos, resultando no reinvestimento em si próprios e no seu corpo. Neste tipo de narcisismo ocorre um retraimento narcísico, que se constitui como uma defesa narcísica, desenvolvendo-se através da clivagem de determinados aspectos do self e do objecto numa fase muito precoce do desenvolvimento.

No que concerne ao narcisismo negativo ou destrutivo, este alimenta-se a partir das pulsões destrutivas, e dirige-se para o próprio self (Alexandre, 2007). É, também, o narcisismo negativo que torna compreensível a passagem da teoria das pulsões que opõe a libido narcisista e a libido de objecto à última teoria das pulsões de vida e de morte (Green, 1988). Este tipo de narcisismo assume uma organização patológica que prejudica o normal processo de desenvolvimento.

Do ponto de vista clínico, estes indivíduos manifestam sentimentos de grandiosidade, devido à introjecção de objectos primitivos poderosos, apresentando uma atitude de auto-suficiência e de negação das diferenças entre self e objecto (Rosenfeld, 1964). Estes indivíduos apresentam, ainda, uma imagem muito idealizada de si próprios, tendem a desvalorizar e destruir tudo o que recebem daqueles que admiram, pois invejam as pessoas que os rodeiam, apresentando-se constantemente insatisfeitos (Alexandre, 2007). Ao longo do processo terapêutico, a imagem grandiosa que tentam transmitir assume-se como uma protecção contra os conflitos intrapsíquicos. Por outro lado, com o desenrolar da terapia, o indivíduo pode oscilar entre a idealização e a transferência negativa, contudo, gradualmente, verifica-se uma integração das relações dos objectos parciais em relações com objectos totais, bem como na gradual dissolução do falso self, grandioso, e das resistências narcísicas (Alexandre, 2007).

Neste sentido, os indivíduos que sofrem de patologia narcísica não têm outro objecto de desejo senão eles próprios. Este facto deve-se, segundo Green (1988), à ferida narcísica que torna

estes indivíduos carentes do ponto de vista do narcisismo, em consequência da decepção provocada, normalmente, por ambas as figuras parentais.

Genericamente, a estrutura psíquica dos indivíduos resulta de relações singulares entre o objecto real e o objecto fantasiado, sendo que a participação dos objectos da realidade contribuem para a psicopatologia do sujeito. No caso em particular do narcisismo, verifica-se um conflito entre o objecto, fantasiado ou real, e o Eu. Consequentemente, a sexualização do Eu surge com o objectivo de transformar o desejo pelo objecto em desejo pelo Eu – desejo do Um (Green, 1988). Ocorre uma mudança de objecto do desejo: o Eu passa ser o próprio objecto de desejo. Este processo ocorre em resultado da separação da díade mãe-bebé, pois a separação desta díade expõe a criança à angústia de separação e, consequentemente, à ameaça de desintegração. A perda do objecto reactiva a dependência. Desta forma, o sujeito encontra na relação que tem consigo mesmo uma compensação pela perda do amor fusional. Podemos pensar que o desejo do Um ocorre em consequência da decepção do desejo pelo objecto.

Só quando a mãe se apresenta como objecto faltante surge o desejo. Segundo Green (1988), o desejo corresponde a um movimento pelo qual o sujeito é descentrado de si, ou seja, a busca do objecto de satisfação, do objecto de falta implica a consciência de que o seu centro não está mais em si, que está fora de si, num objecto externo separado. Este processo provoca a consciência da separação espacial. Contudo, há uma tentativa do sujeito em se “reunir” para reconstituir o seu centro, através da unidade (identidade reencontrada). Verifica-se, assim, que o desejo é o que provoca a consciência da separação espacial e da dissincronia temporal com o objecto, isto é, a capacidade do Eu em reconhecer o objecto como uma entidade separada de si, e não mais como uma projecção do Eu, constituem uma parte fundamental do desenvolvimento da alteridade.

No entanto, ao longo desta etapa do desenvolvimento, intervêm vários factores que se colocam como obstáculos à plena realização do desejo e, consequentemente, o indivíduo utiliza vários mecanismos para fazer frente à impossibilidade de realizar plenamente o desejo (Green, 1988).

Em resultado da primeira experiência de falta é encontrada uma solução através da realização alucinatória do desejo, como ilusão reparadora da falta do objecto, isto é, através do poder ilusório de fazer reaparecer o objecto (seio). Esta solução é, naturalmente, temporária e bastante primitiva, pois requer outras soluções mais apropriadas para uma satisfação efectiva do desejo. O bebé ainda não tem condições para pensar/perceber que foram os seus gritos e choro que desencadearam/alertaram a resposta da mãe (que é contingente à experiência de falta nesta fase precoce). Assim, o bebé estabelece uma relação de causa-efeito entre a realização alucinatória

do desejo e a experiência de satisfação. Posteriormente, se as necessidades vitais (experiência de satisfação) são asseguradas no desenrolar de outras situações de falta por parte do objecto, ou seja, se existir uma consonância entre a realização alucinatória do desejo e a resposta sobreponível do objecto, outras soluções são encontradas, nomeadamente a identificação primária/narcísica (Green, 1988). Durante este processo de identificação o sujeito apropria-se do objecto, suprimindo a representação deste. O Eu torna-se no objecto (fusão), confundindo-se com este, sem reconhecer a alteridade do outro. Se este modo de identificação primária/narcísica permanece para além da fusão com o objecto, o sujeito sofre várias desilusões, pois o não reconhecimento da alteridade provoca no sujeito equívocos sobre o objecto, fomentando naturalmente a decepção, constantemente renovada, quanto ao que se espera deste. Neste sentido, a decepção provocada faz com que o sujeito nunca possa contar com o objecto para reencontrar a unidade/identidade (perdida), o que não lhe permite encontrar o seu centro através da experiência de satisfação sempre insaciada (Green, 1988).

Esta decepção verifica-se, nomeadamente, na triangulação (Green, 1988). Ao longo do processo de triangulação os objectos parentais, investidos narcisicamente, decepcionam o Eu, pois ao fracassar a experiência de deslocamento, na busca de um objecto substituto, com o intuito de reparar as feridas do objecto primário, toda a sequência de deslocamentos de objectos substitutos renovará o fracasso inicial (compulsão à repetição). Assim, todo o contacto com o objecto reactiva o sentimento de descentramento. Como tal, a unidade/identidade perdida é procurada nos investimentos do Eu através das próprias pulsões (narcisismo positivo), provocando um efeito de neutralização do objecto, uma vez que a fantasia é que o Eu substitua o objecto. Não obstante, a autonomia adquirida pelo Eu relativamente ao objecto é precária, pois o Eu nunca pode substituir na totalidade o objecto. Consequentemente, a ilusão que o sujeito deseja manter de encontrar prazer de existir na solidão rapidamente fracassará, sendo necessário que os investimentos do Eu se complementem com um outro investimento dirigido a um objecto idealizado com o qual se fundirá (tal como acontecia com o objecto primário). Este mecanismo é accionado quando a realização do narcisismo de vida fracassa. Contudo, é importante referir que as realizações do narcisismo de vida nunca são totalmente bem sucedidas (Green, 1988).

Em determinados casos, no desenrolar das sucessivas decepções (desamparos cumulativos) resultantes da experiência de descentramento, esta é de tal forma disruptiva que o retraimento para a unidade e a fusão do Eu com um objecto idealizado não estão mais ao alcance do sujeito e, consequentemente, o sujeito deixa de desejar, cessa a busca. Assim, o sujeito não busca a unidade nem o objecto idealizado, mas o nada, ou seja, ocorre uma redução das tensões ao nível zero, que corresponde à aproximação da morte psíquica (Green, 1988).

Consequentemente, o modelo do desejo inverte-se quando a realização unitária do narcisismo falha. Ocorre, então, uma tentativa de transferir o desejo do Outro em desejo do Um, isto é, de não-desejo (modelo da realização alucinatória negativa). O sujeito adquire, assim, uma certa autonomia ao transferir o desejo do Outro em desejo do Um (desejo de não-desejo), sendo abandonada a procura do centro. Este, enquanto objectivo de plenitude, torna-se em ausência de centro. A vida torna-se equivalente à morte, representando o alívio de todo o desejo. Metaforicamente, quando este se torna o modelo que domina a actividade psíquica, pode-se falar em retorno à matéria inanimada: não é a depressão que está envolvida neste processo, nem é o desprazer que substitui o prazer, é o neutro, a anorexia de viver (Green, 1988). Posto isto, pode-se falar em narcisismo primário absoluto, anobjectal: tendência à redução dos investimentos ao nível zero, isto é, expressão do Princípio da Inércia (posteriormente designado de Princípio de Nirvana) (Green, 1988). Consequentemente, de acordo com Green (1988) é indiscutível a existência de um narcisismo negativo, duplo sombrio de Eros. O narcisismo negativo pode assumir, de acordo com Green (1988), dois significados: o de inverso do positivo e o que remete ao conceito puro de nada. Este remete à inexistência, à anestesia, ao vazio, ao branco, ao zero da ilusão do não-investimento, sendo este que se torna objecto de investimento. Estes estados de vazio aspiram, essencialmente, o nada objectal, uma tendência ao desinvestimento e à procura de indiferença que corresponde à categoria do Neutro. Como tal, a satisfação narcisista no narcisismo negativo corresponde à não-satisfação do desejo objectal, uma vez que este é mais desejável do que uma satisfação dependente do objecto (Green, 1988).

Assim, pode-se concluir que, de acordo com Green (1988), o desejo assume-se fundamental no desenvolvimento da alteridade, uma vez que provoca a consciência da separação. Contudo, face à impossibilidade de realizar plenamente o desejo, o indivíduo acciona vários mecanismos de defesa, nomeadamente a realização alucinatória do desejo, bem como a identificação narcísica com o objecto. Não obstante, ambos os mecanismos, que visam sobretudo o não reconhecimento da alteridade, dão origem à decepção constantemente renovada.

Neste sentido, quando a realização do narcisismo de vida fracassa, o sujeito deixa de desejar, buscando o nada ao reduzir as tensões ao nível zero (realização alucinatória negativa do desejo), ou seja, o desejo do outro transforma-se em desejo do Um, em não-desejo. Neste sentido, e ao contrário de Green (1988) que assume uma ausência de desejo, pode-se pensar no desejo do nada, que não deixa de ser um desejo na medida em que há a procura de algo fora de si. Como tal, o desejo, enquanto condição de subjectividade, parece assumir-se sempre, independentemente daquilo que se busca. Esta dinâmica patológica do desejo (a busca pelo nada)

pode assumir-se de diversas formas, nomeadamente através da alinação do sujeito ao desejo do outro, estando o próprio destituído de vontades próprias.

3. Método

3.1. Delineamento

O presente estudo assenta na análise do filme de longa-metragem *O Cisne Negro* realizado por Darren Aronofsky, inserindo-se na metodologia Psicanálise Aplicada de natureza qualitativa e exploratória. Foi escolhida a abordagem Psicanálise Aplicada de modo a compreender a estrutura narcísica da protagonista do filme, Nina Sayers, uma vez que esta permite um foco numa realidade específica, através das ferramentas que a psicanálise nos oferece. O objectivo consistiu, em primeiro lugar, em recolher o material necessário e, de seguida, analisá-lo, sob um olhar atento, mas também aberto a novas perspectivas.

A Psicanálise Aplicada corresponde a uma metodologia de investigação que surgiu com Freud. Podemos considerar como vantagens desta metodologia o facto de oferecer novas ideias e hipóteses, facilitar o estudo de fenómenos raros e permitir conhecer processos sociais nos seus contextos. Trata-se de uma metodologia que visa o estudo em profundidade de uma realidade específica que tem em conta aspectos idiossincrásicos.

Relativamente aos objectivos da Psicanálise Aplicada, estes prendem-se fundamentalmente com o desenvolvimento de reflexões acerca das concepções da psicanálise fora do campo da clínica, através, nomeadamente, da problematização destas, relativamente a práticas psicanalíticas referentes ao indivíduo contextualizado nos fenómenos sociais e políticos, e não apenas ligado à prática da clínica psicanalítica em contexto de *setting* (Rosa, 2004).

No caso em particular do presente estudo, pretendeu-se com esta metodologia compreender a dinâmica da estruturação narcísica de Nina, enquanto eixo estrutural do psiquismo. Com este intuito, desenvolveu-se procedimentos de análise que foram sustentados com referência ao quadro teórico. Neste sentido, a escolha da metodologia da Psicanálise Aplicada decorreu do quadro teórico desenvolvido, visando a construção de procedimentos de análise que, posteriormente, auxiliaram a leitura e análise do filme em conformidade com o quadro teórico que sustentou os mesmos.

O tratamento da informação será submetido à Análise de Conteúdo, desenvolvida de acordo com Bardin (2008), que será descrito detalhadamente no Procedimento.

3.2. *O Cisne Negro*

O Cisne Negro é um filme de suspense e drama psicológico, de 2010, dirigido por Darren Aronofsky e protagonizado por Natalie Portman. O filme *O Cisne Negro* apresenta uma nova versão do *Lago dos Cisnes*.

Nina Sayers (Natalie Portman), com 29 anos, é a bailarina do New York Ballet. A sua vida é inteiramente consumida pela dança e pela tentativa constante de alcançar a perfeição em cada passo. Nina vive com a mãe, Erica (Barbara Hershey), bailarina reformada que incentiva e projecta a ambição profissional que a própria não conseguiu alcançar.

O diretor artístico da companhia, Thomas Leroy (Vincent Cassel), decide substituir a bailarina principal, Beth MacIntyre (Winona Ryder), na apresentação da abertura da temporada *O Lago dos Cisnes*.

O Lago dos Cisnes relata a história de uma princesa pura e doce que se transforma num cisne branco e precisa do amor do príncipe para retornar à vida humana. O príncipe, porém, apaixona-se pelo Cisne Negro, pois este apresenta o poder da sedução. O Cisne Branco não tolera esta rejeição e suicida-se (morte do amor idealizado).

Assim, *O Lago dos Cisnes* exige uma bailarina competente para interpretar tanto o Cisne Branco (que representa um lado mais superegóico, de inocência, perfeição e controle) quanto o Cisne Negro (que representa um lado mais pulsional, libidinal, destrutivo, desejanter). Inicialmente, Nina é a sua primeira escolha para protagonizar o papel, contudo surge uma nova bailarina, Lily (Mila Kunis), que deixa Thomas impressionado. Por um lado, Lily representa na perfeição o papel do Cisne Negro, não obstante Nina é a própria personificação do Cisne Branco. As duas desenvolvem uma relação conflituosa e Nina entra em contato com seu lado mais sombrio, prejudicando o seu equilíbrio psíquico ao tornar-se assustadoramente perfeita. No entanto, é Nina que conquista o papel principal na peça *O Lago dos Cisnes*.

O ódio pela mãe é projetado na colega Lilly. Esta que se identifica com o Cisne Negro, pois corresponde a uma mulher atraente e sem culpas. Nina vê nela o seu duplo, a sua outra parte que precisa emergir para representar o Cisne Negro. Sente ódio, pois o seu superego pressiona-a para não entrar em contato com aquele lado obscuro. Ao mesmo tempo, dentro do conflito do seu aparelho psíquico, sente inveja e admiração por Lilly.

Nina confunde-se com Lilly, observa nela a parte que falta para o seu mundo interno ficar completo. No fim, Nina entrega-se a essa parte obscura, pois a culpa imposta pelo superego é tão grande que lhe resta uma vontade pulsional de voltar à estabilidade orgânica, ao fim das tensões.

É visível, ainda, através da sua admiração, inveja e identificação com a bailarina mais velha, Beth MacIntyre, que Nina ainda está presa a uma figura internalizada de que precisa libertar-se e não consegue, tendo em conta o fracasso da resolução edípica (Favilli, 2011).

A figura masculina de Nina não é mencionada. O filme não apresenta qualquer informação sobre a figura paterna. Por outro lado, a relação de Nina com a mãe é de extrema dependência. A mãe controla a filha, e esta aceita de forma masoquista esta situação, sendo a relação entre ambas castradora para Nina. A mãe de Nina mostra uma completa inconsciência do sofrimento que transporta para a sua filha.

Nina demonstra dificuldades em simbolizar, uma vez que não lhe foi dada a possibilidade de crescer, não tendo, conseqüentemente, a capacidade de descodificar e interpretar o seu mundo interno. Não tinha um eu suficientemente coeso para suportar as duas partes de si. A sua mãe não a libertou, não a deixou crescer. Nina era uma eterna criança que não teve estrutura para entender a natureza humana. Neste sentido, é importante desejar para podermos simbolizar. É necessário e fundamental ocupar uma posição de sujeito.

Observa-se, conseqüentemente, uma identificação de Nina com o desejo materno, estando esta, ainda, presa e (ilusoriamente) protegida no interior de um corpo materno vazio, verificando-se um registo especular, isto é, uma impossibilidade de passar de uma relação dual a uma relação triangular. Esta impossibilidade não permitiu, conseqüentemente, a alteridade do sujeito. Esta hipótese é sustentada e reforçada, nomeadamente, pela ausência de uma figura masculina – ausência física, bem como no próprio discurso da mãe, não se verificando qualquer referência a este. Esta ausência não permitiu a Nina fantasiar sobre a cena primitiva, impossibilitando a relação edípica plena, que poderia dar origem a uma sexualidade menos problemática. Na ausência da figura paterna, Nina sente na relação com o encenador a presença masculina que pode modificar a relação doentia com a mãe. Talvez possa ocorrer a resolução de um Complexo de Édipo tardio (Favilli, 2011).

Denota-se em Nina, claramente, um modo de funcionamento mental que seria próprio da adolescência, revelando, assim, um fracasso do desenvolvimento mental e do acesso à realidade (Favilli, 2011). Este facto é visível através do excesso de utilização de mecanismos de clivagem, a ilusão da onipotência, a realização alucinatória de desejos relativos à necessidade de alcançar algo que não é compatível com as suas reais potencialidades, a dificuldade em sair da protecção familiar, bem como a relação com o corpo (onde estão presentes alguns transtornos alimentares). Esta ilusão (narcísica) de onipotência verifica-se na sua tentativa de alcançar a perfeição: o corpo perfeito, o passo perfeito, o gesto perfeito, a dança perfeita.

Não se verifica em Nina um desinvestimento objectal relativamente à figura materna, em detrimento de um reinvestimento em novos objectos (nomeadamente em relação aos pares), criando, assim, a impossibilidade desta estabelecer novos vínculos. Esta incapacidade traduz-se na sua dificuldade em estabelecer relações amorosas e com os pares. Neste sentido, a relação com a sexualidade desta personagem é infantil e imatura, sendo este mais um dos factores que contribui para a sua desarmonia psíquica.

No entanto, para conseguir interpretar o Cisne Negro, Nina precisa de descobrir o seu lado mais pulsional, ligado à pulsão, à sexualidade, expressando os desejos recalcados pelo Superego arcaico, pela internalização de uma figura materna superegógica. O Cisne Negro corresponde, assim, ao Id, a parte inconsciente responsável pela satisfação do prazer. O Cisne Branco, por outro lado, remete para o superego, para o discurso da mãe que ficou colado à sua imagem. Falta um eu coeso na personagem de Nina, que equilibre as vontades do Id e do Superego. O superego castrador, construído pela mãe, faz dela um ser sem vida, sem identidade, um objecto que responde às vontades da sua mãe. Nina não expõe desejos nem vontades próprias, apenas comporta-se segundo a vontade do Outro. Contudo, ao longo do filme ocorre uma necessidade de Nina terminar com as histórias e fantasias infantis e percorrer um longo caminho até à constituição da sua própria identidade (Favilli, 2011).

Desta forma, o encenador tenta despertar a sua feminilidade e sexualidade, assim como ressuscitar o seu lado mais obscuro, ligado às pulsões. Assim, Thomas provoca Nina constantemente, seduzindo o seu lado mais selvagem e irracional. Tenta desmascarar as suas fragilidades, construídas no seio da relação doentia com a sua mãe, para descobrir a sua personalidade e virilidade. O director procura em todos os momentos mostrar a dualidade entre o Cisne Negro e o Cisne Branco. O branco e o preto aparecem em todos os momentos do filme, em roupas e cenários. Nina tem sempre um espelho à sua frente e é ali que ela se confronta com a figura do Outro e de si própria.

À medida que Nina se aproxima do seu lado mais obscuro, surge a culpa e a resistência. O ódio pela mãe, recalcado profundamente, começa a emergir e torna-se insuportável. É neste momento que Nina entra num conflito interno. A personagem descobre duas identidades: o Cisne Branco e o Cisne Negro, isto é, o Superego e o Inconsciente. As suas dificuldades em representar o Cisne Negro podem estar relacionadas, nomeadamente, em expressar o seu lado mais obscuro, a dificuldade em assumir a sua sexualidade feminina.

Neste sentido, podemos perceber que Nina evitava, no fundo, este jogo de pulsões (de vida e de morte), mascarado através da falsa ilusão da menina inocente, sem sexualidade nem ódios. Nina evitou, também, toda a experiência traumática edípica, ignorando as rivalidades e

competições (Favilli, 2011). Todos estes conflitos começam a emergir ao longo do filme e percebem-se, sobretudo, através da relação que Nina estabelece com a mãe - relação esta bastante ambivalente e perversa, tendo em conta que a mãe de Nina oscila bastante entre a repressão e a sedução -, bem como na sua dificuldade (ou mesmo impossibilidade) de estabelecer relações objectais.

Todos estes conflitos, que não puderam ser organizados e integrados em Nina, representam a sua dificuldade em interpretar o Cisne Negro, este que remete para o seu lado mais primitivo e arcaico. De acordo com Favilli (2011), se devidamente integrados, estes conduziriam à sublimação.

Em suma, todo o controle que observamos em Nina, com o objectivo último de atingir a perfeição, consiste essencialmente em evitar as pulsões agressivas e destruidoras. Contudo, essa tentativa revelou-se inútil e ilusória, pois estas podem irromper a qualquer momento, tendo em conta que é inerente à vida de qualquer indivíduo a aceitação de um equilíbrio sempre instável das pulsões de vida e de morte, isto é, entre Eros e Tanatos (Favilli, 2011). É importante referir, ainda, que a perfeição idealizada que Nina procura corresponde a um prazer narcísico que visa, sobretudo, defender-se das suas pulsões agressivas. Nina revela uma incapacidade em enfrentar o papel de protagonista de si mesma, a não ser através dos comportamentos de autodestruição (física e mental). Podemos pensar nos comportamentos de auto-destruição como tentativas de Nina se sentir viva, negando o vazio que sente.

Toda a conflitualidade inerente a Nina esteve camuflada durante muito tempo através das tentativas de controle desta. Toda a disciplina inerente ao seu papel de bailarina, representando o desejo materno, escondeu grande parte dos conflitos internos que vão irromper ao longo do filme. Quando Nina se vê obrigada, com 29 anos, a enfrentar o desafio (sempre adiado) de protagonizar a própria vida, rapidamente o colapso acontece. A busca pela perfeição e sucesso profissional resultam no surgimento de todos os fantasmas internos que Nina recalcava até então. Assistimos, assim, ao gradual aniquilamento mental (quando os mecanismos de defesas não podem mais ser accionados) através da destruição mortífera delirante, concretizado no seu último delírio pela negação da morte e pela realização da perfeição (Favilli, 2011).

3.3. Procedimento

De forma a garantir a fidelidade, validade e rigor inerentes à técnica da análise de conteúdo, foram adoptados vários procedimentos no presente estudo que serão descritos, de seguida, de forma aprofundada.

A análise de conteúdo é uma técnica de análise de comunicações, bastante utilizada na investigação empírica das ciências sociais e humanas, tendo como objectivo efectuar inferências tendo em conta uma lógica desenvolvida de forma clara (Vala, 1999). Contudo, um dos problemas associados à técnica de análise de conteúdo prende-se com a qualidade da mesma, ou seja, para que a análise de conteúdo seja de qualidade é necessário que as inferências sejam credíveis. No entanto, para assegurar a sua credibilidade, a análise de conteúdo deve garantir que os procedimentos adoptados sejam sujeitos às regras de fidelidade e de validade (Vala, 1999).

A técnica de análise de conteúdo tem, assim, como principais objectivos ultrapassar a incerteza, isto é, possibilitar afirmar se a leitura feita é válida e generalizável; e enriquecer a leitura, ou seja, através da descoberta de conteúdos que confirmem ou não o que se pretende demonstrar. Por conseguinte, a análise de conteúdo tem duas funções que coexistem: a função heurística, ou seja, a capacidade de enriquecer aquilo que foi explorado; e a função de administração da prova, isto é, a análise de conteúdo confirmará ou infirmará as hipóteses colocadas provisoriamente (Bardin, 2008). O presente estudo tem, essencialmente, a função heurística e interpretativa, tendo em conta o quadro conceptual adoptado e o próprio material objecto de estudo.

A análise de conteúdo tem, ainda, como vantagem o facto de ser uma técnica não-obstrutiva, isto é, possibilita trabalhar sobre material que não foi concebido propositadamente para ser objecto de uma investigação empírica (Vala, 1999).

De acordo com Bardin (2008), a análise de conteúdo desenvolve-se em três fases. Num primeiro momento, realiza-se uma pré-análise, esta que consiste em organizar e explorar o material objecto de estudo, através de uma “leitura flutuante” deste (isto é, através do levantamento de impressões sobre o material), onde se define o corpus do estudo, formulam-se hipóteses (estabelecendo afirmações provisórias que serão sujeitas a um processo de análise) e objectivos (que correspondem ao quadro teórico a que os resultados serão submetidos). A pré-análise tem, ainda, como objectivo estabelecer categorias de análise. Num segundo momento, encontra-se a fase de exploração do material que corresponde à continuidade da fase de pré-análise, ou seja, que consiste em operações de codificação. Por último, temos o tratamento dos resultados que consiste no tratamento dos dados de forma a que estes se tornem significativos e válidos.

Assim, inicialmente, na fase de pré-análise, ou seja, na fase de organização, escolheu-se o material que será posteriormente objecto de estudo, tendo como objectivo a sistematização de

ideias e, posteriormente, a elaboração de um plano de análise. Procedeu-se à “leitura flutuante” do material, tendo em vista um primeiro contacto com o mesmo. Por outro lado, o estabelecimento de hipóteses e objectivos tornou esta leitura mais rigorosa.

De seguida, procedeu-se ao tratamento do material através da categorização e codificação do filme objecto de estudo, visando facilitar a análise e interpretação do mesmo ao conhecer o seu conteúdo de forma pormenorizada. Segundo Vala (1999), a elaboração de categorias é uma tarefa do dia-a-dia, possibilitando a simplificação, estabilização, identificação, ordenação ou atribuição de significado ao contexto. Por conseguinte, a categorização no processo de análise de conteúdo obedece a esta lógica, tendo como objectivo reunir um conjunto de elementos ou unidades de registo segundo um título genérico. O critério de categorização escolhido foi o semântico, ou seja, foram organizadas categorias temáticas.

A construção de categorias obedece a algumas regras, nomeadamente a regra da pertinência (que se verifica quando as categorias estão de acordo com o quadro teórico desenvolvido, reflectindo as intenções de investigação ou às questões do investigador); e da produtividade (que ocorre quando uma categoria produz resultados ricos em índices de inferências, em novas hipóteses e em dados precisos) (Bardin, 2008).

Desta forma, a partir do Constructo Narcisismo, construiu-se o sistema de categorias. Consideraram-se, assim, como categorias A – Relações objectais; B – Narcisismo de vida; C – Narcisismo de morte e D – Natureza do SuperEu.

Por fim, os respectivos dados foram interpretados com recurso a um corpus teórico psicanalítico explorado anteriormente, sendo construídos eixos de análise com o intuito de olhar o filme de acordo com a perspectiva desenvolvida no mesmo, de forma a melhor compreender o objecto de estudo em questão: a estrutura narcísica da protagonista do filme *O Cisne Negro*, Nina.

3.3.1. Procedimentos de análise

Ao longo da análise do filme foram identificadas quatro grandes categorias: Relações objectais; Narcisismo de vida; Narcisismo de morte e Natureza do Super-ego. Destas categorias emergiram várias subcategorias que visam facilitar a compreensão destas. É importante salientar que as categorias não são mutuamente exclusivas, pois estão interligadas, a natureza das relações de objecto, inclusivamente, está subjacente às restantes, basta pensar que o supereu é um objecto interno.

De seguida será apresentada uma descrição aprofundada sobre as mesmas.

Tabela 1 – Análise de Conteúdo

Constructo	Categoria	Sub-Categoria
Narcisismo	A – Qualidade das relações objectais	A1 – Qualidade dos objetos internos
		A2 - Diferenciação entre self e objecto (alteridade)
		A3 – Triangulação
	B - Narcisismo de vida	B1 – Desejo do Outro
		B2 – Estruturação do desejo
		B3 – Representação de si
	C - Narcisismo de morte	C1 - Desejo do Um (Neutro)
		C2 – Relação com a agressividade
		C3 – Vínculos destrutivos
		C4 - Estados de vazio
	D - Natureza do SuperEu	D1 - Ideal do Eu (projecção do narcisismo primário)
		D2 - Eu Ideal (omnipotência)
		D3 – Severidade do SuperEu

A primeira categoria identificada foi a categoria A – Qualidade das relações objectais, esta que, por sua vez, deu origem a três subcategorias: A1 – Qualidade dos objectos internos; A2 – Diferenciação entre self e objecto (alteridade); A3 – Triangulação.

Esta categoria visou, essencialmente, compreender a qualidade das relações objectais, tendo em conta a influência que estas têm ao longo do desenvolvimento do indivíduo, nomeadamente na representação que este tem sobre si. Por sua vez, a representação de si, nas suas várias componentes, determina a dinâmica da estruturação narcísica. Neste sentido, considerou-se pertinente aprofundar a natureza das relações de objecto de Nina, com o intuito de compreender a influência que estas tiveram no desenvolvimento da sua personalidade, nomeadamente a relação com a sua mãe, bem como a ausência da figura paterna.

Da segunda categoria, B – Narcisismo de vida, emergiram as seguintes subcategorias: B1 – Desejo do Outro; B2 – Estruturação do desejo e B3 – Representação de si.

Com esta categoria pretende-se explorar os aspectos saudáveis do narcisismo. Neste sentido, podemos pensar no narcisismo de vida como resultante da acção das pulsões de vida, sendo este responsável pela construção de um self coeso, na sua identidade e sentimento de si (Alexandre, 2007), sustentado segundo um registo de alteridade. Apesar do filme incidir particularmente nos aspectos patológicos de Nina, as realizações do narcisismo de vida nunca são totalmente bem sucedidas, podemos pensar numa interação constante entre as pulsões de morte e as pulsões de vida, ou seja, apesar de poderem predominar núcleos de natureza patológica, é sempre possível identificar outros aspectos saudáveis, ainda que estes não predominem, havendo consequentemente uma interação constante entre as forças de Eros e Tanatos. Estes núcleos, independentemente da sua natureza, devem ser analisados atendendo à dinâmica das relações objectais do indivíduo.

A terceira categoria, C – Narcisismo de morte, originou quatro subcategorias: C1 – Desejo do Um (Neutro); C2 – Relação com agressividade; C3 – Vínculos destrutivos e C4 – Estados de vazio.

Esta categoria remete para conceitos como os estados de vazios, a anorexia de viver, o branco (*blank*) descritos por Green (1988), tal como foram descritos previamente. O conceito de narcisismo de morte remete para uma dupla conotação: pode ser interpretado como o inverso do positivo ou, ainda, pode remeter para o conceito puro de nada. Nesta categoria pretende-se enfatizar esta última dimensão.

Esta categoria surgiu tendo em conta o que está por detrás da sintomatologia apresentada por Nina. Os delírios, a fronteira bastante ténue entre ao seu mundo interno e a realidade, a raiva recalcada, os comportamentos de automutilação, os transtornos alimentares assim como a própria concretização do suicídio são indicadores de uma organização patológica alimentada, sobretudo, através de pulsões destrutivas, dirigindo-se, porém, para o próprio self. O significado latente destes comportamentos manifestados por Nina é o que se pretende compreender com esta categoria. Como tal, podemos considerar como metáforas toda a sintomatologia apresentada pela personagem, tendo em conta o seu valor simbólico e latente.

Por outro lado, esta categoria pretende explorar a natureza deste narcisismo destrutivo, recorrendo, sobretudo, à análise da sua relação com a mãe. É de acrescentar, ainda, o paralelo que se pode estabelecer entre esta categoria e a personagem do Cisne Negro, uma vez que ambos remetem para uma dimensão libidinal e agressiva.

Por último, a quarta categoria, D – Natureza do SuperEgo, é caracterizada pelas seguintes subcategorias: D1 - Ideal do Eu (projectão do narcisismo primário); D2 - Eu Ideal (omnipotência); D3 – Severidade do SuperEu.

Esta categoria revela-se importante tendo em conta o contributo do SuperEu na construção do narcisismo do indivíduo. Aqui, o papel do narcisismo primário também se torna imperativo, assim como a projectão do narcisismo da imago materna na própria organização narcísica de Nina.

Podemos pensar que um dos factores que contribuiu para a construção do SuperEu severo em Nina prende-se com a relação entre esta e a sua mãe. Como se esta relação, em que a projectão dos desejos maternos são uma constante, condicionasse em Nina a construção de um Eu Ideal representando para esta – em vez de aspirações dificilmente atingíveis - uma sensação de insucesso constante precedente à realização do desejo.

4. Análise do Filme / Discussão

4.1. Qualidade das relações objectais

São evidentes algumas dificuldades nas relações objectais que Nina estabelece, estas podem, nomeadamente, ser identificadas através da sua dificuldade em estabelecer relações íntimas, a relação indiferenciada com a mãe, a inveja que esta sente em relação às suas colegas de profissão, bem como a presença de objectos persecutórios e idealizados.

A relação com a sua mãe é de extrema importância na análise da personagem. Podemos observar que esta relação condiciona as restantes relações de Nina, bem como promove uma experiência emocional de grande sofrimento. A ausência de diferenciação entre estas promove a dependência e é responsável pela submissão, sem limites, de Nina ao desejo da mãe. O desejo da mãe não concretizado – ser uma bailarina de sucesso – é projectado em Nina. Desta forma, a mãe investe narcisicamente em Nina, mostrando-se indisponível para conter e satisfazer as funções narcísicas da própria Nina, actuando de forma a satisfazer as suas próprias necessidades narcísicas (Miller, 1979). Nina corresponde, como tal, a um prolongamento narcísico da sua mãe com o intuito de manter a auto-estima desta. Neste sentido, pode-se pensar na tentativa da mãe de Nina em realizar o próprio desejo frustrado (ser bailarina) através da filha, ocorrendo, conseqüentemente, uma projecção maciça dos seus desejos, que se traduzem na relação especular que ambas estabelecem.

Para assegurar o amor da sua mãe, Nina abdica da sua própria individualidade, alienando-se no desejo do outro, e torna a satisfação das expectativas da mãe como o principal objectivo de vida. Este facto coloca a hipótese de Nina se incluir num registo psicótico, na medida em que não havendo desejo, não há conflito e, conseqüentemente, a hipótese de um registo neurótico (justificado, inclusivamente, pela obsessão de Nina pela perfeição e controle) não se torna viável. Pode-se observar este facto quando Nina se suicida, havendo aqui uma relação entre morte e perfeição, na medida em que Nina sentiu que realizou o desejo da sua mãe ao desempenhar o papel de Rainha dos Cisnes.

O vínculo com a sua mãe assume contornos sádicos, verificando-se dificuldades na diferenciação entre ambas. Conseqüentemente, a relação entre mãe e filha indica uma ausência de interdição, dando origem a uma Nina sem desejos e vontades próprias. É preciso renunciar ao primeiro objecto de amor para que a libido se liberte (Luz, 2001), o que não se verifica no caso de Nina. Não obstante, verificam-se algumas tentativas de separação da parte de Nina, nomeadamente quando esta coloca fora do quarto os objectos que lhe remetem à infância. No

entanto, quando emerge um esboço da separação, rapidamente surge a culpa, daí o conflito interno presente em Nina. Por outro lado, verifica-se um enorme receio pela perda do amor do objecto, um medo de ser rejeitada e, conseqüentemente, uma submissão à sua mãe. Podemos pensar que na representação de Nina, o valor que esta tem para a sua mãe prende-se com a função que preenche, não se sentido amada, conseqüentemente, de acordo com as suas necessidades de amor. Não foi organizada a constância do bom objecto interno, existindo, conseqüentemente, uma dependência em relação ao objecto.

Neste sentido, podemos pensar num condicionamento da liberdade interna de Nina, uma prisão interna na medida em que é forçada a preencher as expectativas introjectadas a partir do que, inconscientemente, foi internalizado a partir da relação com o objecto. Assim, a construção de um falso self é utilizado como mecanismo para ultrapassar a fragilidade da auto-estima resultante da perda de confiança nos próprios desejos e sentimentos (Winnicott, 1965). O falso self é representado pelo Cisne Branco, este que só no palco é que não é vivido como falso, uma vez que o palco corresponde, efectivamente, a um espaço apenas de representação.

Esta relação entre mãe-filha pautada pela falta de interdição pode justificar a possível presença de angústias claustrofóbicas ligadas, nomeadamente, à problemática alimentar presente em Nina (anorexia). Esta problemática pode remeter para a tentativa de Nina eliminar a menina doce e meiga projectada pela mãe (Cisne Branco) que a impossibilita de desempenhar a Rainha dos Cisnes na sua totalidade.

Por outro lado, não é mencionado ao longo de todo o filme qualquer referência à figura masculina de Nina, explícita ou implicitamente, no discurso da mãe, assim como na própria Nina. Não existe qualquer referência a quem possa ser ou assumir o papel de pai para Nina. Não há, portanto, um terceiro que possibilite a triangulação indispensável à vida psíquica do indivíduo e ao seu desenvolvimento mental. Não havendo um terceiro no complexo de Édipo, não há desejo além da mãe. Assim, a triangulação pode ser compreendida como a interactividade com, pelo menos, duas pessoas que provoquem na criança movimentos identificatórios, sendo esta responsável pela constituição do self e do aparelho de pensar. Desta forma, a ausência de triangulação é responsável, em parte, pela dificuldade de Nina em estabelecer relações amorosas, bem como pela imaturidade da personagem nas suas relações. Contudo, quando Thomas beija Nina e esta reage, podemos pensar no esboço de um terceiro. Neste momento há um despoletar do lado libidinal e agressivo de Nina, recalcado até então. Surge a possibilidade de desejar, de libertação e de reinvestimento noutra objecto.

4.2. Narcisismo de vida

O narcisismo de vida, onde predominam as pulsões de vida, é responsável pela construção de um self coeso, uma identidade estável e solidificada, em que as relações obedecem a um registo de alteridade. Como tal, os investimentos narcísicos de forma suficiente e harmoniosa por parte dos cuidadores (em particular a figura materna) são responsáveis pelo sentimento de plenitude e bem-estar, estes que se assumem como responsáveis pela constituição da reserva da libido narcísica (Matos, 2007). Esta reserva da libido corresponde, assim, a uma fonte de energia erótica que pode ser dirigida ao outro ou ao próprio (Matos, 2007). Inicialmente, quando ocorre uma fusão com o objecto primário, esta libido é direccionada apenas para o próprio. Contudo, gradualmente, o indivíduo direcciona esses investimentos para outros objectos, identificando-se com estes e, conseqüentemente, sendo necessário a separação para que tal ocorra. Do ponto de vista do desenvolvimento psíquico, uma separação prematura do objecto primário pode desencadear sentimentos de fragmentação que se podem assemelhar à aniquilação psíquica (Cortesão, 1990). A separação provoca na criança angústias de separação e, como tal, surge a ameaça de desintegração. Neste sentido, o sujeito procura na relação consigo mesmo uma compensação pela perda do amor fusional, sendo nesta altura que surge a consciência do objecto como entidade separada de si. Contudo, para fazer frente às experiências de falta são encontradas várias soluções: inicialmente a realização alucinatória do desejo e, posteriormente, a identificação primária/narcísica (Green, 1988). Neste sentido, podemos pensar que a identificação surge como um desmentido da separação, sendo o deslocamento o que permite a transferência de um objecto para o outro.

No caso de Nina, verificamos uma esfera relacional reduzida à sua mãe, uma alinação/fusão no desejo desta, em que o Cisne Branco representa essa mesma submissão. Assim, podemos pensar que a separação não foi conseguida no caso de Nina, em parte devido à ausência de um terceiro, verificando-se, conseqüentemente, manifestações semelhantes à díade mãe-bebé. Neste sentido, o desejo de Nina está estruturado em função da sua mãe. Os seus sonhos e desejos são, inclusivamente, designados como “loucos” (como se verifica no início do filme), dado que os sonhos de Nina não podem ser apropriados por ela, uma vez que não obedecem à expectativa da sua mãe, ao desejo desta. Esta submissão ao desejo da mãe traduz-se na inexistência da própria Nina, pois esta dedica e entrega a sua vida ao outro, desistindo dos próprios interesses em detrimento da manutenção do amor do objecto. Assim, podemos concluir que a qualidade da relação primordial faz Nina alienar-se dela própria. Verifica-se uma identificação patológica com o desejo da mãe, dando origem a um falso self (Winnicott, 1965).

Contudo, o desejo do outro e a acção das pulsões de vida surgem em alguns trechos do filme. Em vários momentos emerge um lado mais libidinal de Nina, nomeadamente quando esta beija Thomas. Nesta cena ocorre uma mudança na dinâmica psíquica de Nina, esboçando-se um registo de alteridade, isto é, pela primeira vez assiste-se a uma saída de Nina do seu mundo dual para observar o mundo circundante, exterior à esfera da relação com a sua mãe (nesta cena observa-se, ainda, a emergência do Cisne Negro de Nina, quando esta morde os lábios de Thomas, este identifica o lado agressivo e libidinal de Nina imprescindível no Cisne Negro). Contudo, todas as tentativas em estabelecer relações com o outro são fracassadas, denotando-se, claramente, um registo especular que determina a incapacidade de Nina em estabelecer relações erotizadas, assim como o acesso à alteridade. Podemos pensar nesta dificuldade como resultante, em parte, da manipulação inconsciente exercida pela mãe de Nina que impede o relacionamento com outros indivíduos e, conseqüentemente, impossibilita a aprendizagem relacional e a diversificação de identificações fundamentais para a construção da identidade de Nina, ou seja, podemos pensar que a mãe de Nina não promoveu a mudança de objecto libidinal nesta.

Esta incapacidade ocorre em resultado da submissão de Nina ao desejo da mãe, bem como aos fantasmas de destruição que tornam a fronteira entre a realidade interna e externa bastante ténue. Ao longo do filme há, nomeadamente, uma dificuldade, por parte do espectador, em discernir o que é a realidade e o que são os delírios de Nina.

Outra questão importante prende-se com a relação que Nina estabelece com o espelho. Nina parece incapaz de reconhecer no espelho o que este lhe devolve, isto é, a relação de Nina com o espelho remete para um não reconhecimento da própria imagem, uma estranheza face a esta que poderá reflectir uma ausência de coesão, uma imagem distorcida mas, simultaneamente, uma procura constante do espelho. Este facto é visível em vários trechos do filme, nomeadamente quando Nina observa o seu reflexo no metro, em casa e até mesmo na escola. A procura constante do espelho por parte de Nina pode reenviar para a busca de uma imagem/representação coesa de si, a procura de uma imagem especular com o intuito de Nina não se desorganizar. Como tal, emerge uma ausência de coesão na representação de Nina e, por conseguinte, uma procura constante de uma imagem especular. Neste sentido, pode-se estabelecer um paralelo entre Nina e o mito de Narciso referido anteriormente: tal como Narciso não reconheceu a sua imagem espelhada no lago, Nina não reconhece a sua imagem reflectida no espelho, verificando-se uma falha identitária, uma ausência de coesão da representação de si. Assim, sempre que Nina se olha no espelho procura dar uma inteireza ao corpo (Luz, 2001), contudo este reflecte tudo, mas sem organizar nada. Contudo, na procura de uma imagem especular, surgem as alucinações de natureza psicótica, evidenciando a fragilidade do Eu, pois

este encontra-se “esmagado entre o id e o superego” (Luz, 2001, p. 183). Os delírios de natureza psicopatológica apontam para uma fragilidade do eu-Nina. O próprio filme, isto é, o registo da imagem através da câmara ilustra uma certa tensão do que Nina encontra quando se olha no espelho e, simultaneamente, a procura da sua identidade. A câmara assume, como tal, o olhar da protagonista.

O espelho assume contornos importantes, pois representa em parte a dinâmica do mundo interno de Nina, ilustra nomeadamente a ausência de triangulação (quando é filmado um espelho repartido em três, e onde aparece apenas Nina e a sua mãe, sugerindo uma tríade edípica condensada apenas nestas duas figuras, isto é, uma ausência de triangulação), a relação simbiótica com a sua mãe (quando Nina se confunde no espelho com outra rapariga, sugerindo uma ausência de separação entre self-objecto), bem como a ausência de uma representação coesa de si (uma vez que ocorre uma estranheza face ao que é reflectido no espelho mas, ao mesmo tempo, uma procura constante por este na tentativa de dar uma coesão à imagem de si própria).

Podemos constatar uma problemática de identidade relacionada com a vivência de uma relação materna insuficiente. Percebe-se que esta relação é sentida como ameaçadora, comprometendo a sua individualidade. Como tal, a identificação com Beth, enquanto figura feminina, pode remeter para uma problemática narcísica, uma busca pelo seu duplo, como um espelho identificatório (Zimmerman, 1998), com a finalidade de reparar aspectos narcísicos.

4.3. Narcisismo de morte

Podemos observar no filme que o narcisismo de morte reenvia para o Cisne Negro: representando um lado mais libidinal, agressivo, de condição desejanste. No entanto, Nina, a menina doce e meiga, com um superego bastante rígido e com uma obsessão pelo controle e pela perfeição, faz emergir, gradualmente, o seu lado mais pulsional. Não se verifica uma integração entre o superego e o id em Nina, logo verificamos um conflito entre estes. Não obstante, é necessário o desempenho do papel de Cisne Negro. Como tal, Thomas estimula Nina neste sentido, para que faça emergir em Nina o que estava recalcado até então. Assim, podemos verificar que a emergência do Cisne Negro, de certa forma, veio abalar o ténue equilíbrio no mundo interno de Nina, pois despoletou sentimentos e comportamentos que a própria desconhecia, não sabendo, conseqüentemente, lidar com eles e integrá-los. Assim, podemos observar a luta constante de Nina em encontrar-se com o seu Cisne Negro, expressando a dualidade entre este e o Cisne Branco. Esta dualidade entre o Cisne Negro e o Cisne Branco reenvia para a própria dualidade inerente ao sujeito, enquanto condição clivada/barrada do

sujeito (consciente vs. inconsciente). Neste sentido, e com o intuito de desempenhar na perfeição o papel de Cisne Negro tão distante da vida psíquica de Nina, esta tenta ultrapassar as próprias barreiras e apropriar-se dos afectos de sedução, liberdade e ousadia, ou seja, no fundo enfrentar as suas próprias angústias de castração e de morte (Luz, 2001).

Quando o narcisismo de morte predomina, a agressividade é direccionada contra o próprio (Green, 1988). No caso de Nina, observamos esse facto, sobretudo através dos comportamentos de auto-destruição, nas tendências suicidas e atendendo, ainda, aos fantasmas de destruição. As partes destrutivas do self são direccionadas contra as partes libidinais, visando, essencialmente, impedir as relações objectais. Estas partes destrutivas são expressas, também, através da inveja, como se verifica no caso das colegas de profissão, Beth e Lily, na medida em que o outro é percebido como feliz e completo, devendo, assim, ser destruído (McWilliams, 2005). Contudo, podemos pensar, também, numa identificação que Nina faz relativamente a Beth. A apropriação de Nina aos objectos de Beth indica um movimento identificatório secundário que pode ser pensado como um deslocamento da identificação primária, sugerindo uma falha no processo desta. Contudo, ainda que arcaica e esquizoparanóide, esta identificação sugere uma aproximação a uma constituição neurótica que é pouco visível noutras cenas do filme. Neste sentido, podemos interpretar a cena em que Nina rouba objectos pessoais a Beth (o batom e os brincos) como um movimento de incorporação que visam Nina sentir-se uma mulher mais completa, e não uma menina doce com características que a impedem de crescer.

Outra hipótese que podemos colocar relativamente às manifestações de agressividade prende-se com o esforço de Nina em proteger a coesão do self. Para tal, a prova de existência de Nina é através da dor (masoquista), ou seja, a agressividade infligida contra si própria pode ser entendida como uma forma de Nina sentir, de sair do vazio existencial resultante do facto de estar destituída de identidade em detrimento do desejo da sua mãe. Assim, esta forma patológica de manifestar a agressividade pode indicar uma construção/manutenção de uma ferida narcísica (Luz, 2011). A pulsão agressiva manifesta-se de várias formas, contudo é importante particularizar uma destas formas: Nina magoa-se frequentemente retirando a sua pele. Podemos pensar neste comportamento como um acto de não desejar limites, isto é, sem pele a fusão pode ser assegurada (Luz, 2001). No entanto, a pele é o que nos diferencia do outro, na medida em que nos configura o limite entre o eu e o outro, assegurando a nossa existência. Neste sentido, a pele materna é suposto que seja dotada de calor afectivo e invista de vida o indivíduo. Podemos constatar que tal não se passa com Nina: a mãe é experienciada como fria, castradora, detentora de um supereu tirânico, verificando-se uma dissonância entre palavras e afectos (olhares frios, destrutivos, gestos controladores, promovendo a culpa, as duplas mensagens), bem como uma

carência do ponto de vista de um bom objecto de segurança narcísica. No fundo, esta relação pode ser caracterizada como perversa. Todas as relações de grande dependência e submissão contêm, também, uma importante componente agressiva. Observamos um universo relacional de Nina reduzido à sua mãe

É importante salientar o facto da agressividade de Nina não ser simbolizada, isto é, verifica-se uma clivagem da agressividade, não sendo esta, conseqüentemente, neutralizada. Este facto pode dever-se a uma fase precoce em que a mãe não foi capaz de tolerar a agressão projectada por Nina, não a devolvendo, conseqüentemente, de uma forma simbolizada, e dando origem a uma não integração desta. Por outro lado, a agressividade ao não ser simbolizada por Nina, resultante da relação primária, pode ter adiado a resolução de Nina ao nível da pulsão de morte: traduzindo o desejo de Nina continuar na relação simbiótica com a mãe, segundo Freud (1920), o esforço em manter constante ou reduzir a tensão interna provocada pelos estímulos.

4.4. Natureza do Supereu

Podemos compreender o sentimento de grandiosidade e onipotência na infância (Eu Ideal) como representante do desejo de fusão com os cuidadores e a necessidade de admiração pelas suas qualidades. Neste sentido, quando existe uma falha nas respostas empáticas face às necessidades e experiências da criança, ocorre uma inibição da construção de um self integrado. Podemos afirmar que o processo natural consiste na substituição de um Eu Ideal (herdeiro do narcisismo primário e relacionado com a onipotência e megalomania infantil) pelo Ideal do Eu (herdeiro do complexo de Édipo). Neste sentido, podemos pensar que por detrás da realização do desejo do outro (mãe), Nina acredita na garantia eterna do amor do objecto, ou seja, pode-se verificar uma permanência de um Eu Ideal através deste estado de onipotência infantil (Luz, 2001). Esta permanência expõe Nina a um sentimento de falta constante, estando condicionada a um passado insatisfatório e de realização incompleta. Tal sucede uma vez que Nina é concebida como portadora dos desejos de outrem. A mãe de Nina investiu nela narcisicamente, na tentativa de que Nina concretizasse o sucesso que ela não conseguiu obter no mundo da dança, ou seja, verifica-se uma projecção das frustrações da mãe de Nina, não dando espaço para que a subjectividade desta se expresse. Estamos perante o fenómeno da parentalização narcísica (Sá, 2009). Este ocorre uma vez que Nina é o único sujeito de quem a mãe se sente próxima. Como tal, todos os movimentos de autonomia de Nina implicam sentimentos de culpa induzidos pelo superego arcaico da sua mãe.

Todo o perfeccionismo que assistimos em Nina provém de um forte Eu ideal. Por outro lado, Nina é transformada no Ideal do eu da sua mãe, ao responder aos desejos desta, na medida em que, de acordo com Freud (1914), o desenvolvimento do ego implica um afastamento do narcisismo primário resultante do deslocamento da libido em direcção a um Ideal do eu imposto pelo exterior. Este facto pode ser exemplificado nas constantes tentativas de controle por parte da mãe de Nina, mantendo esta num registo infantil, submisso e assexuado. O Ideal do eu de Nina é, assim, construído na relação com a própria mãe que resulta na sua desintegração psíquica.

5. Conclusão

Desde a sua origem, em que era concebido como uma perversão presente nomeadamente nos homossexuais, o conceito de narcisismo tem vindo a sofrer inúmeras alterações, decorrentes da evolução da clínica psicanalítica, bem como da contribuição de vários autores e escolas.

Pode-se considerar a existência de dois momentos fulcrais na história do conceito de narcisismo: o momento em que foi evocado pela primeira vez por Freud, em 1910, em que era associado a uma perversão; e o momento em que lhe foi atribuída uma concepção metapsicológica, em 1914, passando a ser interpretado como um estágio de desenvolvimento normal, isto é, como algo de estruturante no ser humano.

Actualmente, o narcisismo constitui um dos temas mais complexos e, simultaneamente, relevantes para a investigação psicanalítica (Cortesão, 1990). A sua pertinência prende-se, sobretudo, com o facto do narcisismo corresponder a diferentes fenómenos, entre eles o eixo desenvolvimentista, estrutural e patológico, daí estar presente na avaliação de qualquer patologia, independentemente da sua natureza ser de ordem neurótica ou psicótica.

Assim, o narcisismo, em termos genéricos, pode ser entendido como um sentimento oceânico, de completude, isto é, transversal ao desenvolvimento de todos os indivíduos, na medida em que reúne em si as condições necessárias para o desenvolvimento psíquico. Neste sentido, o narcisismo pode manifestar-se de forma saudável ou, por outro lado, de forma patológica em consequência da frustração derivada dos objectos externos, sendo responsável, neste último caso, pela resistência à análise, através da recusa do inconsciente, a defesa do *Um* (Green, 1988).

O presente estudo assentou numa perspectiva heurística/interpretativa, visando responder às questões de investigação colocadas previamente. Como tal, foram definidos eixos de análise e, conseqüentemente, criadas categorias temáticas segundo as quais a presente análise se referencia.

Assim, concluiu-se com o presente estudo que a estrutura narcísica da protagonista do filme *O Cisne Negro* foi, naturalmente, influenciada pela relação que estabeleceu com o objecto primário, dando origem, conseqüentemente, a uma imagem de si pouco coesa bem como a um superego exigente e em desarmonia com as reais capacidades de Nina. Pode-se falar numa subjectividade alienada no desejo do outro em Nina. No entanto, podemos compreender o desejo como condição essencial, segundo Green (1988), para a consciência da alteridade. Talvez por isso haja uma indiferenciação entre *self* e objecto em Nina.

Relativamente à qualidade da relação com o objecto primário (figura materna), podemos constatar que esta é sentida como insuficiente e desnarcisante, sendo pautada por uma grande agressividade latente, bem como, uma indiferenciação entre self e objecto. Este facto consubstanciou-se numa imagem pouco coesa de si própria, visível através da relação que Nina estabelece com o espelho: a estranheza da personagem face a este reenvia para uma representação fragmentada de si, pouco solidificada, uma ausência de coesão. Neste sentido, e com a finalidade última de não se desorganizar, Nina procura constantemente essa coesão no espelho, isto é, procura uma imagem especular no espelho que lhe devolva uma imagem unificante que não conseguiu encontrar na relação primária.

No final do filme, quando Nina atinge a perfeição, ocorre o acto do suicídio, isto é, há uma relação entre a morte e o prazer, o que nos leva a pensar que Nina ao realizar o desejo da mãe (ser uma bailarina profissional de sucesso) abdica da sua própria vida, deixando de desejar ao reduzir as tensões ao nível zero (Green, 1988). Assim, pode-se pensar no suicídio de Nina como resultado da sua desorganização, naturalmente, mas também como consequente do retorno à matéria inanimada, em termos metafóricos. Nina não teve a capacidade de se projectar no futuro (Ideal do Eu), uma vez que os seus desejos estavam reduzidos à relação patológica com a mãe, ou seja, Nina estava destituída de desejos, vivendo em função do desejo do outro.

Como limitações do presente estudo, destaco a dificuldade sentida ao elaborar as categorias. O facto destas não se excluírem mutuamente originou uma certa dificuldade na análise das mesmas, uma vez que as categorias adoptadas interagem intimamente entre si, criando uma certa dificuldade na sua delimitação. Neste sentido, seria interessante reproduzir este estudo com procedimentos de análise mais distintos entre si. Seria curioso, inclusivamente, que as categorias escolhidas correspondessem a figuras significativas para Nina (nomeadamente a sua mãe, o Thomas, a Lilly e a Beth), isto é, conceber como categorias as várias personagens do filme com um papel significativo para Nina e, por conseguinte, elaborar subcategorias que representassem o que cada personagem remete para Nina. Por exemplo, podíamos pensar na mãe de Nina como representando a ausência de diferenciação entre self-objecto; o Thomas como um esboço de um terceiro; a Lilly como representante da dimensão pulsional que Nina desejava que emergisse; e, por fim, a Beth como uma figura identificatória.

Por outro lado, o facto do estudo se basear na visualização exhaustiva de um filme e, como tal, factores idiossincrásicos, como a sensibilidade e interpretação, serem importantes instrumentos de estudo, mas também possíveis causadores de enviesamentos tendo em conta a subjectividade inerente. Como tal, a interpretação ao longo deste trabalho referenciou-se segundo eixos de análise construídos segundo o referencial teórico escolhido, isto é, existem determinadas

dimensões passíveis de ser analisadas no filme mas que, uma vez que o presente estudo foi delimitado, não foram conseqüentemente abordadas. No entanto, existem, seguramente, outras interpretações e outros eixos de análise igualmente válidos e plausíveis de serem aplicados ao filme.

Assim, e apesar das várias possibilidades de interpretação, seria interessante em estudos futuros explorar, a partir de um referencial Winnicottiano, os bloqueios, entraves e as realizações da criatividade associadas ao gesto espontâneo. O próprio ballet reenvia para um acto criativo, contudo denota-se em Nina que a sua criatividade está comprometida (visível através da sua tentativa constante de controle, dos seus gestos mecanizados, sugerindo uma falta de qualidade humana). Seria interessante, assim, explorar o papel da ilusão, a questão do brincar, a criatividade primária e o gesto espontâneo de Winnicott..

6. Referências Bibliográficas

- Alexandre, M. (2007). *Mudanças Psíquicas no Processo Terapêutico*. Fenda Edições: Lisboa.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Cooper, A. (1981). Narcissism. In A. P. Morrison (Ed.), *Essential Papers on Narcissism* (pp. 112-143). Nova Iorque: New York University Press.
- Cortesão, E. (1990). Narcisismo e relações de objecto. Os trabalhos de H. Kohut e a investigação das relações de objecto. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8, 31-42.
- Favilli, M. (2011). A dança da vida. Algumas observações psicanalíticas sobre o filme Cisne Negro. *Revista de Estudos Psicanalíticos*, 29, 141-147.
- Flores, T. (2005). *Narcisismo e feminilidade*. Climepsi Editores: Lisboa.
- Freud, S. (1905). Three essays on the theory of sexuality. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works Vol. VII (1901-1905): A Case of Hysteria, Three Essays on Sexuality and other works*, 123-245. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1914). On Narcissism: an introduction. *The Standard Edition of the Complete Psychological Work Vol. XIV (1914-1916): On the History of the Psycho-analytic Movement, Papers on Metapsychology and other works*, 67-102. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1917). Mourning and melancholia. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works Vol. XIV (1914-1916): On the History of the Psycho-analytic Movement, Papers on Metapsychology and other works*, 237-260. London: Hogarth Press.

- Freud, S. (1920). Beyond the pleasure principle. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works Vol. XVIII (1920-1922): Beyond the Pleasure Principle, Group Psychology and other works, 1-64*. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1923). Ego and id. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works Vol. XIX (1923-1925): The Ego and the id and other works, 1-66*. London: Hogarth Press.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de Vida Narcisismo de Morte*. Escuta: São Paulo.
- Grunberger, B. (1971). *Le Narcissisme*. Payot: Paris.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1971). *Vocabulário da Psicanálise*. Moraes Editores: Lisboa.
- Luz, A. (2011). “Cisne Negro”: quando eu é um outro. *Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro*, 25, 178-190.
- Matos, A. (1997). Narcisismo e Depressão. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 16, 19-25.
- Matos, A. (2007). Narcisismo, sexualidade e depressão. In *A Depressão: Episódios de um Percurso em Busca do Seu Sentido* (pp. 101-105). Lisboa: Climepsi.
- McWilliams, N. (2005). *Diagnóstico Psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.
- Mijolla & Mijolla-Mellor (1999). *Psicanálise*. Climepsi Editores: Lisboa.

- Miller, A. (1979). Depression and Grandiosity as Related Forms of Narcissistic Disturbances. *The International Review of Psycho-Analysis*, 6, 61-76.
- Pulver, S. (1970). Narcissism: the Term and the Concept. In A. P. Morrison (Ed.), *Essential Papers on Narcissism* (pp. 91-111). Nova Iorque: New York University Press.
- Rosa, M. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenómenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e subjectividade*, 2, 329 – 348.
- Rosenfeld, H. (1964). *Os estados psicóticos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sá, E. (2009). *Esboço para uma nova psicanálise*. Coimbra: Almedina.
- Vala, J. (1999). A análise de conteúdo. In Silva, A. & Pinto, J. (Eds), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Lisboa: Edições Afrontamento
- Winnicott, D. (1965). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment: Studies in the Theory of Emotional Development*. Nova Iorque: International Universities Press.
- Zimerman, D. (1998). A face narcisista da homossexualidade: implicações na técnica. In: Graña, R. B., *Homossexualidade: formulações psicanalíticas actuais*. Porto Alegre: Artes Médicas.